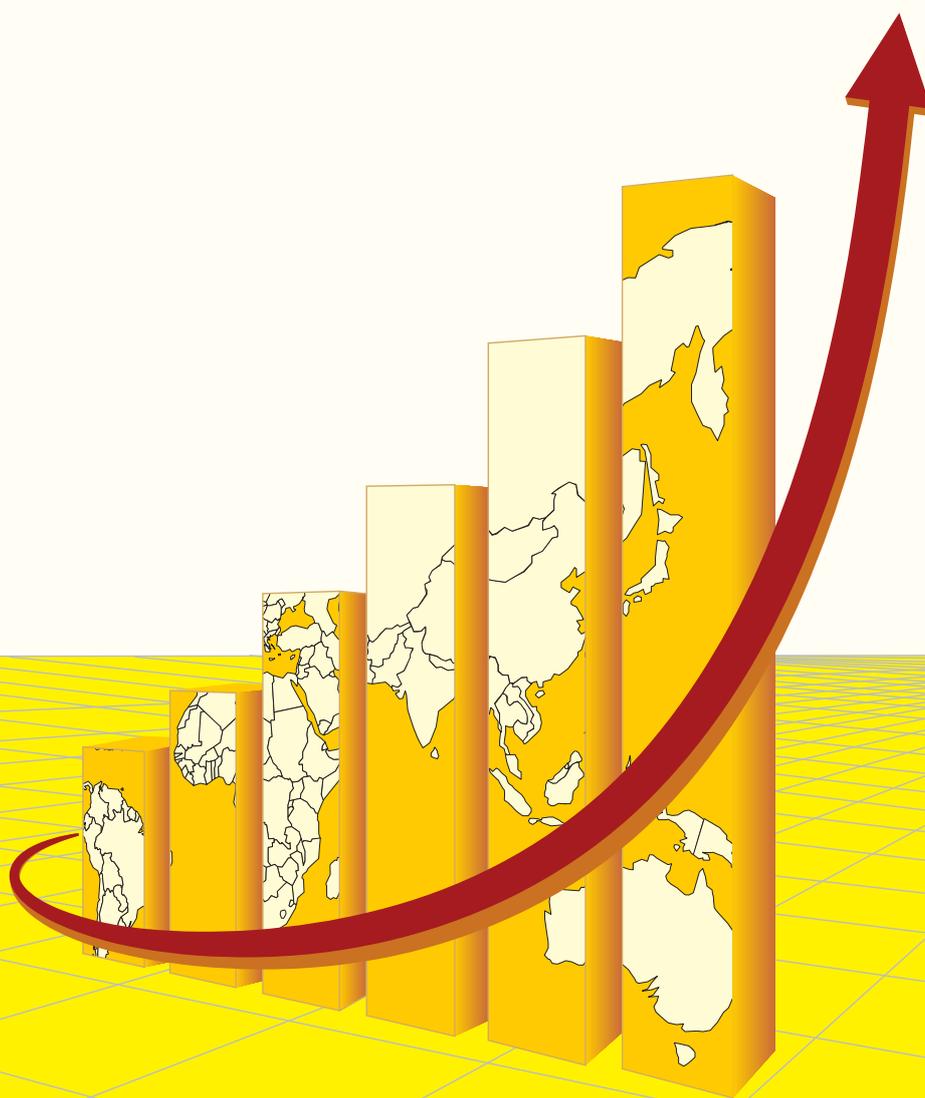


Janeiro/2024





Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura
Valdir Colatto

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores
Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Fabília Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pecuária

Reney Dorow
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2024

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior/Marcia Mondardo

Colaboração:

Bruna Parente Porto
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Julio Cesar Melim
Nilsa Luzzi
Sidaura Lessa Graciosa
Valmir Kretshmer

Edição: janeiro de 2024 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014) –

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria. A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das Ss, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Dirceu Leite
Presidente da Epagri

Sumário

Grãos	7
Arroz	7
Feijão	11
Milho.....	13
Soja	18
Trigo.....	21
Hortaliças	25
Alho.....	25
Cebola	29
Pecuária	33
Avicultura.....	33
Bovinocultura	38
Suínocultura.....	43
Leite	49

Grãos

Arroz

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

O ano de 2023 foi marcado por elevação considerável dos preços do arroz em casca desde o início, mas esta elevação ganhou força e alcançou patamares obtidos na pandemia, onde houve grande valorização dos preços dos produtos agrícolas de maneira geral, a partir do segundo semestre do ano, em resposta à redução dos estoques. Em termos reais, a saca iniciou o ano a R\$78,99 e encerrou no mês de dezembro valendo R\$107,52, o que representa uma valorização de 36,12% no comparativo de 12 meses. Esse aquecimento se deve a uma combinação de fatores. O primeiro deles é a produção gaúcha, que na safra 2022/23 sofreu quebra decorrente de problemas com a estiagem e na safra 2023/24 enfrentou muitas dificuldades tanto no plantio quanto no desenvolvimento das lavouras em razão do excesso de chuva. Outro fator importante é que a consequente menor produção brasileira na safra 2022/23 e baixo estoque nacional, veio combinada com estoques baixos dos demais países do Mercosul, que também enfrentaram problemas climáticos, reforçando a tendência de alta dos preços pela menor oferta interna. Ademais, soma-se o fato de o Brasil ter exportado mais nesse ano, especialmente no primeiro semestre, em razão da taxa de câmbio favorável a tais operações. De maneira geral, o aumento dos preços foi observado em todas as regiões do estado, especialmente no Litoral Sul e Grande Florianópolis, que pela proximidade, recebe forte influência do mercado gaúcho (Figura 2). Os preços elevados vieram acompanhados de custo de produção proporcionalmente menor em relação à 2022, o que garantiu boa margem para os produtores que comercializaram no período de alta dos preços. O preço médio ponderado pela comercialização do ano de 2023 foi de R\$82,84/sc 50 kg, sendo que a maior parte da produção, 87,31%, foi comercializada entre janeiro e junho ao preço médio de R\$81,54/sc 50kg. O restante da produção, 12,69%, comercializada no segundo semestre, alcançou preços acima de R\$90,00/sc 50 kg, tendo como média R\$91,83/sc 50kg. Estima-se que o preço máximo do ano, obtido em dezembro (R\$107,52/sc 50kg), tenha atingido apenas 2,58% da produção catarinense.

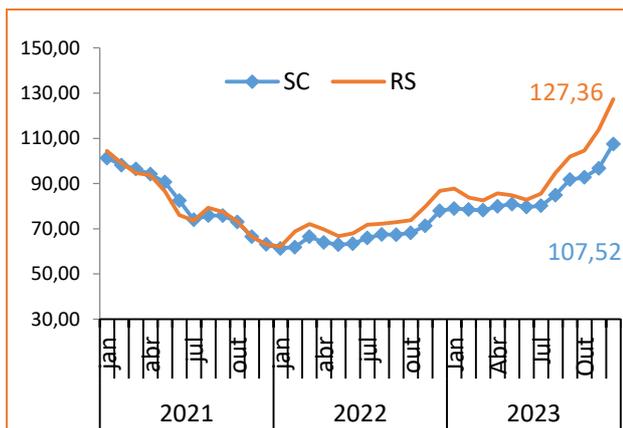


Figura 1. Arroz irrigado – SC e RS: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2021 a dez*/2023)

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Cepea (RS) jan./2024.

Região Agro	Dez./2022	Dez./2023	Var. % (12 meses)
Alto Vale do Itajaí	78,48	103,07	31,33
Gde. Florianópolis	82,76	113,08	36,63
Litoral Norte	78,48	104,27	32,86
Litoral Sul	84,52	109,67	29,76

Figura 2. Arroz em casca – preços nominais ao produtor por região agro (R\$/sc 50 kg)

Fonte: Observatório Agro Catarinense e Infoagro - Epagri/Cepa (SC), jan./2024.

Uma característica que chamou a atenção nos últimos meses é que embora os preços ao produtor tenham apresentado comportamento crescente desde julho deste ano, o repasse ao mercado atacadista, foi inferior, o que pode ser um fator que enfraqueça os preços ao produtor. Nota-se que enquanto os preços ao produtor tiveram um incremento de 27,38% nos últimos seis meses, no mercado atacadista, essa

variação foi de 12,02% no mesmo período (Figura 3). No mercado varejista, segundo dados do Dieese, o quilo do arroz agulhinha ficou mais caro em todas as capitais analisadas ao longo de 12 meses. Outro fator importante é que, em Santa Catarina, embora os preços no atacado historicamente tendem a se elevar entre os meses de janeiro e março, em razão das festividades e período de férias, a colheita do arroz tem início em meados de janeiro, com reflexos negativos sobre os preços ao produtor entre os meses de fevereiro e maio, pelo aumento da oferta interna (Figura 4).

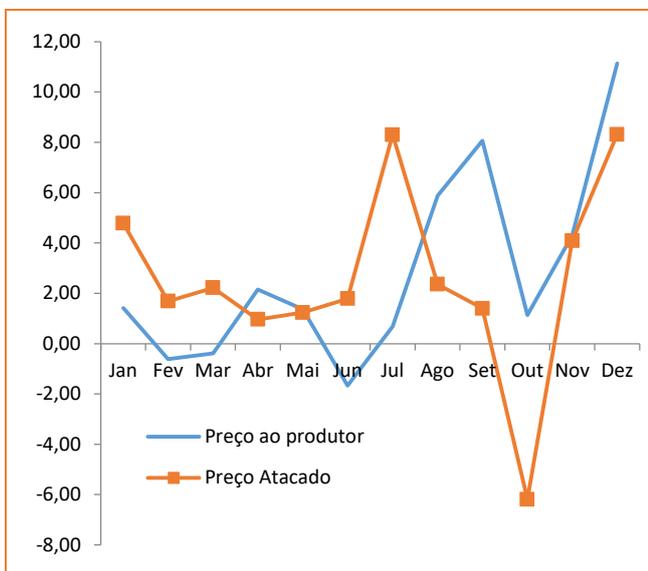


Figura 3. Arroz: comparativo da variação* mensal do preço médio real ao produtor e atacado – (jan. a dez./2023)

Nota: * Variação em relação à média do mês anterior.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), jan./2024.

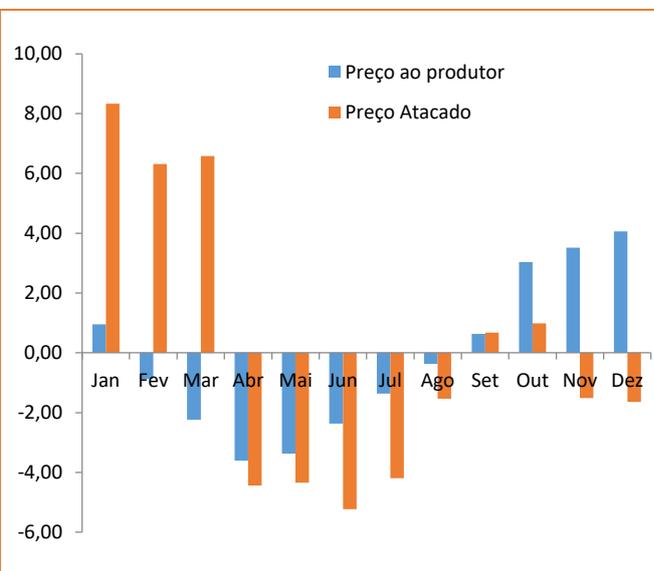


Figura 4. Arroz – comportamento sazonal dos preços ao produtor e atacado

Fonte: Epagri/Cepa (SC), dez./2023.

Mercado Externo

Em 2023, Santa Catarina foi o segundo maior exportador de arroz do país, ficando atrás apenas do Rio Grande do Sul, que respondeu por 96,68% do total. De janeiro a dezembro de 2023, as exportações catarinenses de arroz e seus derivados somaram US\$9,723 milhões, tendo como principal destino a Venezuela (76,09% do total exportado). Esse valor é mais que o dobro do total exportado em todo o ano de 2022 e representa cerca de 2,0% do total exportado pelo Brasil em 2023. Isto porque, o dólar estava favorável e impulsionou as exportações, e os Estados Unidos, grande concorrente do Brasil no mercado externo apresentou quebra na última safra. No entanto, do lado das importações, para suprir a necessidade da indústria e em razão da baixa oferta interna, desde junho deste ano houve um incremento significativo, totalizando US\$26,006 milhões de janeiro a dezembro de 2023, representando um incremento de 103,85% em relação ao mesmo período do ano anterior e atingindo patamar aproximado do observado em 2020, período da pandemia, onde a redução das tarifas de importação tornaram o Brasil um destino viável. O principal parceiro comercial segue sendo o Uruguai (63,69%), pela proximidade dos mercados e características similares do grão consumido no Brasil, mas contou com outros parceiros como o Paraguai e Argentina, apesar dos problemas climáticos enfrentados por aqueles países. A necessidade de importação do Brasil foi maior esse ano, visto que a safra gaúcha foi muito prejudicada pela estiagem. Com isso, a balança comercial fechou o ano com saldo de US\$16,283 milhões.

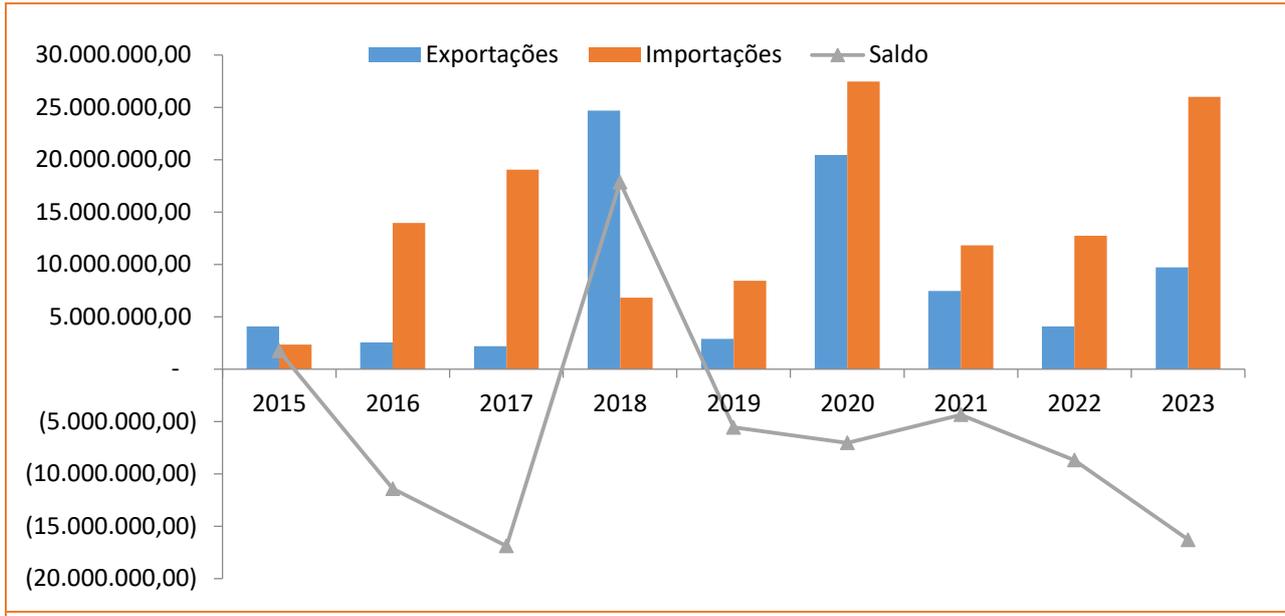


Figura 5. Arroz e derivados – Balança comercial de Santa Catarina (US\$), 2015 a 2023

Fonte: MDIC – Comexstat, jan. 2024.

Analisando as características do comércio internacional do arroz catarinense, observa-se pela Figura 6 que, de maneira geral, o produto que ocupa a maior parte das exportações é o arroz com casca, que em 2023 representou cerca de 76% do valor total exportado. Do lado das importações, contudo, o produto de maior participação é o arroz semibranqueado ou branqueado, de maior valor agregado, que em 2023 representou cerca de 82% do valor total importado. Esta não é uma característica exclusiva do estado de Santa Catarina, e se repete entre os demais estados, como por exemplo Rio Grande do Sul e Roraima, que juntamente com Santa Catarina, ocupam o podium de exportadores nacionais.

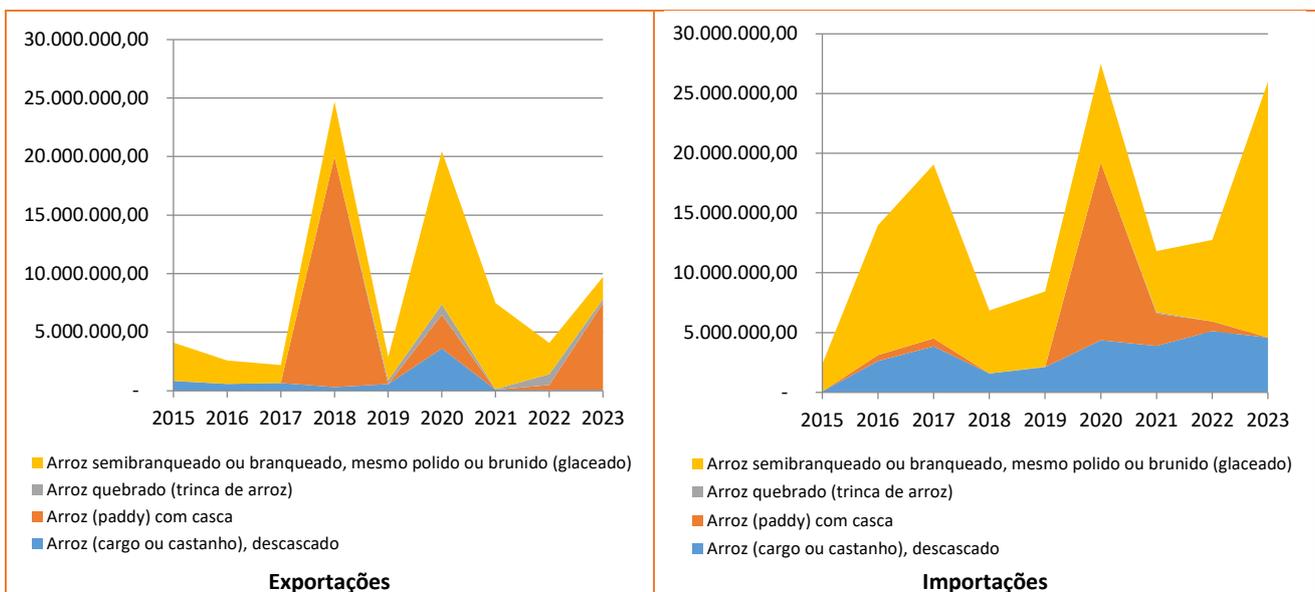


Figura 6. Arroz e derivados – Detalhamento das Exportações e Importações de Santa Catarina (US\$), 2015 a 2023

Fonte: MDIC – Comexstat, jan. 2024.

Acompanhamento de safra

A estimativa atual da safra 2023/24 em Santa Catarina aponta para leve redução da área em relação à safra anterior (variação de -0,90%), ocorrido principalmente na região Litoral Norte do estado e Alto Vale do Itajaí, e explicado pela conversão de áreas de arroz em áreas urbanas, bem como pela recorrência de eventos climáticos (excesso de chuva) na região do Alto Vale que impossibilitou o replantio de algumas áreas. A produtividade também deverá ser menor, aproximadamente -0,93%, haja vista que a produtividade obtida na safra anterior foi excepcional e nesta safra deve retornar a um patamar de normalidade. Ademais, a ocorrência de chuvas excessivas, baixa luminosidade, excesso de nebulosidade e dificuldade de execução de tratamentos fitossanitários, decorrentes do fenômeno El Niño, têm prejudicado o desenvolvimento das lavouras e podem reduzir a produtividade. Com isso, a produção estimada é de 1,244 milhão de toneladas de arroz em casca (1,82% menor em relação à safra passada) a ser absorvido pela indústria. A demanda da indústria catarinense gira em torno de 1,5 milhão de toneladas, em sua maior parte suprida pela produção do estado e o restante pelos países do Mercosul (Uruguai e Paraguai) e pelo Rio Grande do Sul.

Tabela 1. Arroz irrigado - Santa Catarina: comparativo das safras 2022/23 e 2023/24*

Microrregião	Safra 2022/23			Estimativa atual - Safra 2023/24			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	521.576	8.863	58.848	506.192	8.602	0,00	-2,95	-2,94
Blumenau	7.115	64.752	9.101	7.064	62.569	8.857	-0,72	-3,37	-2,67
Criciúma	21.829	204.114	9.351	21.829	198.154	9.078	0,00	-2,92	-2,92
Florianópolis	1.899	13.269	6.987	1.894	13.708	7.238	-0,26	3,31	3,59
Itajaí	9.163	78.387	8.555	9.017	78.800	8.739	-1,59	0,53	2,15
Ituporanga	170	1.483	8.724	170	1.479	8.700	0,00	-0,27	-0,30
Joinville	18.195	144.325	7.932	17.788	145.933	8.204	-2,24	1,11	3,43
Rio do Sul	10.643	100.763	9.468	9.930	85.711	8.632	-6,70	-14,94	-8,83
Tabuleiro	132	924	7.000	132	950	7.197	0,00	2,81	2,86
Tijucas	2.164	14.548	6.723	2.164	15.148	7.000	0,00	4,12	4,12
Tubarão	16.873	123.395	7.313	16.873	135.839	8.051	0,00	10,08	10,09
Santa Catarina	147.031	1.267.536	8.621	145.709	1.244.483	8.541	-0,90	-1,82	-0,93

Fonte: Epagri/Cepa (SC), jan./2024.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de dezembro, o preço médio mensal recebido pelos produtores catarinenses de feijão-carioca voltou a subir, passando de R\$ 181,18/sc de 60 kg, para R\$ 228,36/sc de 60 kg, um aumento de 26,04% em relação ao do mês de novembro. Para o feijão-preto, o preço médio pago aos produtores também subiu, fechando a média mensal em R\$ 292,07/sc de 60 kg, alta de 24,60%. Na comparação com dezembro do ano passado, o preço médio da saca de feijão carioca, está 24,23% mais baixo em termos nominais. Para o feijão-preto, registra-se um incremento de 30,33% na variação anual.

Tabela 1: Feijão – evolução do preço médio mensal recebido pelo produtor (R\$/60 kg)

Estado	Tipo	Dez. /23	Nov. /23	Variação mensal (%)	Dez. /22	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	228,36	181,18	26,04	301,37	-24,23
Paraná		284,33	233,95	21,53	379,70	-25,12
Mato Grosso do Sul		278,23	225,73	23,26	322,93	-13,84
Bahia		302,86	257,72	17,52	349,56	-13,36
São Paulo		326,14	260,70	25,10	404,40	-19,35
Goiás		281,33	242,81	15,86	370,28	-24,02
Santa Catarina	Feijão-preto	292,07	234,40	24,60	224,10	30,33
Paraná		307,85	280,49	9,75	253,15	21,61
Rio Grande do Sul		342,37	228,93	49,55	289,21	18,38

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB/Deral (PR); Conab (MS, BA, SP, GO e RS) - jan. /2024.

O mercado do feijão-preto vive um bom momento. No mercado catarinense, a saca de 60 quilos do produto já é cotada acima dos R\$ 292,00. O mercado dá sinais de que pode haver falta de feijão-preto disponível para venda, em função dos problemas provocados pelo excesso de chuvas nos estados da Região Sul do País. A insuficiência de estoques pode gerar uma possível pressão de alta até a entrada do feijão da segunda safra.

Safra catarinense

Feijão 1ª safra

No panorama regional, para as MRG's de Araranguá, Criciúma e Tubarão, durante o mês de dezembro, as lavouras avançaram para a fase de floração e iniciaram a fase maturação. O menor volume de chuvas durante o mês de dezembro, contribuiu para que os produtores pudessem realizar os tratamentos fitossanitários, adubações e demais tratamentos culturais. Com o início do verão, as condições climáticas favorecem o desenvolvimento da cultura, pois temos o aumento gradativo da temperatura e do número de horas de com luminosidade

Para as MRG's de Canoinhas e São Bento do Sul, no Planalto Norte do estado, as operações de plantio que deveria ter ocorrido em maior percentual em outubro, foram prejudicadas pelo excesso de chuvas. Para os plantios realizados em novembro, as avaliações das condições das lavouras são bem melhores do que as semeadas entre setembro e outubro. Certamente teremos redução na produtividade das lavouras da região. Para as MRG's de Campos de Lages, Concórdia e Joaçaba, a fase de desenvolvimento predominante é a de desenvolvimento vegetativo. O clima quente e úmido tem favorecido o desenvolvimento das lavouras.

Na região Oeste, para as MRG's de Chapecó e Xanxerê, o mês de dezembro foi marcado pelo clima mais quente e com ocorrência de chuvas intensas em algumas localidades. A cultura na maior parte encontra-se em estágio de floração e maturação. As poucas lavouras colhidas têm apresentado produtividades em torno de 38 sacas/ha. Na MGR de São Miguel do Oeste, no extremo oeste do estado, as lavouras já alcançaram a fase de maturação em mais de 50% da área plantada. Produtores e técnicos avaliam que a produtividade média da região deverá ficar em torno de 35 sacas/ha.

Até a última semana do ano de 2023, todas as áreas destinadas ao plantio de feijão primeira safra já havia sido semeada. Para as lavouras em desenvolvimento, cerca de 39% da área plantada encontra-se em desenvolvimento vegetativo; 44,5% estão em fase de floração e 16,5% atingiram a fase de maturação. Um pequeno percentual de 4,0% da área plantada já foi colhido. Com o término do plantio nas regiões de maior altitude e mais frias do estado, detectamos uma redução na área plantada, em função do excesso de chuvas e do atraso na colheita do trigo, muitos produtores desistiram de investir na cultura.

Com isso, até o momento, estimamos que serão plantados cerca de 29 mil hectares, uma redução de 5,1% em relação a área cultivada na safra passada. Quanto à produtividade, espera-se uma redução superior a 5,3%, resultando numa safra menor, na ordem de 10,1% em relação à safra anterior. Até o momento, as lavouras apresentam 75% da área em condições boas, 17% com áreas medianas e 8% ruins.

Tabela 2: Feijão 1ª – comparativo de safra 2022/23 e estimativa safra 2023/2024

Microrregião	Safra 2022/2023			Estimativa Inicial Safra 2023/2024			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	53	70	1.321	53	59	1.122	0,0	-15,1	-15,1
Blumenau				119	149	1.254			
Campos de Lages	7.970	15.344	1.925	6.130	11.722	1.912	-23,1	-23,6	-0,7
Canoinhas	7.800	15.505	1.988	7.700	12.915	1.677	-1,3	-16,7	-15,6
Chapecó	1.710	3.756	2.196	1.670	3.805	2.278	-2,3	1,3	3,7
Concórdia	285	256	898	305	215	704	7,0	-16,1	-21,6
Criciúma	667	932	1.397	667	800	1.199	0,0	-14,2	-14,2
Curitibanos	1.590	3.717	2.338	1.520	3.324	2.187	-4,4	-10,6	-6,5
Florianópolis	15	15	1.000						
Ituporanga	1.140	2.028	1.779	795	1.144	1.439	-30,3	-43,6	-19,1
Joaçaba	2.820	5.922	2.100	3.090	6.657	2.154	9,6	12,4	2,6
Rio do Sul	805	1.124	1.396	739	1.024	1.385	-8,2	-8,9	-0,8
São Bento do Sul	600	1.040	1.733	600	930	1.550	0,0	-10,6	-10,6
São M. do Oeste	635	1.325	2.087	745	1.561	2.095	17,3	17,8	0,4
Tabuleiro	330	355	1.076	325	325	1.000	-1,5	-8,5	-7,0
Tijucas	190	271	1.426	170	180	1.057	-10,5	-33,7	-25,9
Tubarão	523	712	1.361	523	592	1.133	0,0	-16,8	-16,8
Xanxerê	3.532	9.004	2.549	3.961	9.774	2.468	12,1	8,6	-3,2
Santa Catarina	30.665	61.375	2.001	29.112	55.176	1.895	-5,1	-10,1	-5,3

Fonte: Epagri/Cepa, jan. /2024.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado do milho em 2023

O mercado de milho em 2023 foi caracterizado por uma dinâmica complexa, refletindo fatores como a produção recorde de milho no Brasil. Estimada em 131,94 milhões de toneladas (Conab, jan.2024), a alta produção pressionou os preços, levando a queda superior a 30% no primeiro semestre. No segundo semestre, os volumes recordes de exportações e expectativa menor da produção na safra de 2024, levaram a uma recuperação gradual das cotações dos preços a partir de setembro de 2023.

Expectativa do mercado do milho para 2024

As perspectivas para o mercado de milho em 2024 são positivas, com preços em elevação, justificado pelos seguintes fatores: - A previsão de menor produção de milho no Brasil em relação à safra passada, devido às condições climáticas adversas, como excesso de chuvas no Sul do país e estiagem no centro Oeste¹, que causou atraso no plantio da soja e por consequência do milho segunda safra; - Estoque final de milho para a safra 2023/24 de 6,28 milhões de toneladas (MT)¹, bem abaixo da média dos últimos sete anos (10,9 MT); - O aumento da demanda de milho na produção de carnes e de biocombustíveis no Brasil, elevando o consumo do cereal. A continuidade das guerras em 2024 são pontos de instabilidade do mercado mundial. Fatores internos apontam cenário de alta dos preços, enquanto cenário externo diverge em alguns momentos.

Evolução dos preços nos últimos 5 anos

A evolução dos preços do milho ao produtor no estado, nos últimos 5 anos, apresentou comportamento diferenciado. Em 2020 foi registrado uma alta significativa no segundo semestre, que se manteve em 2021. Em 2022, os fatores pandemia, guerra Rússia x Ucrânia, além do mercado externo, mantiveram os preços em um patamar intermediário. Em 2023, os níveis de preços se equiparam a 2019 no segundo semestre, com tendência de recuperação.

¹ Produção estimada da primeira safra está em 24,3 milhões de toneladas, cerca de 10% inferior a safra anterior. Estimativa Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.11 – safra 2023/24, n°4 – Quarto levantamento | janeiro 2024.

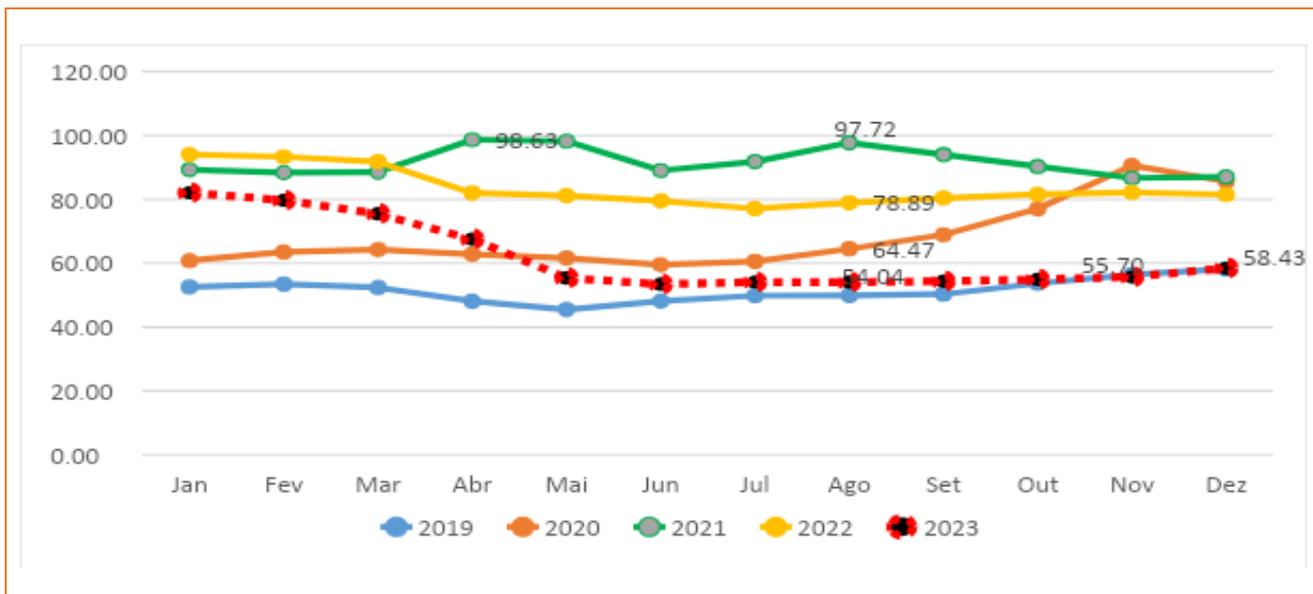
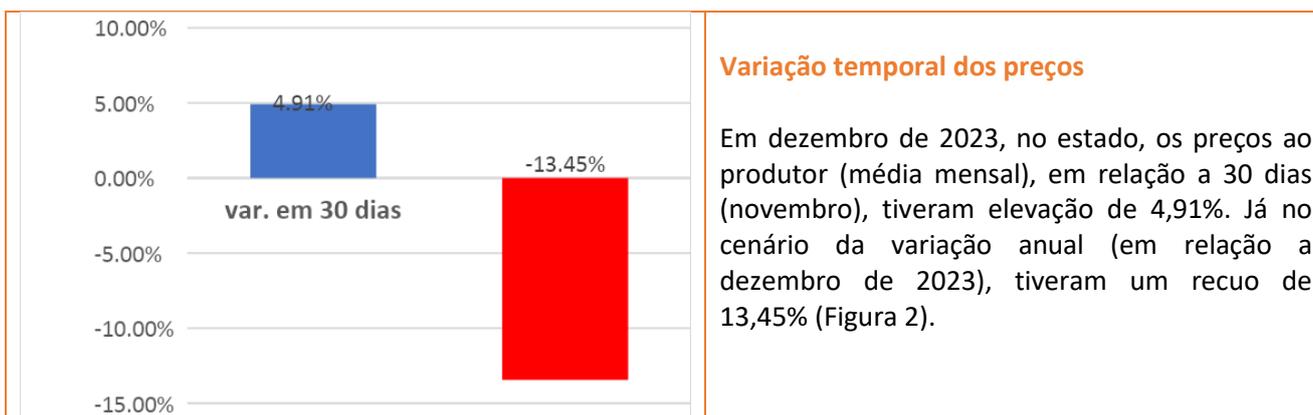


Figura 1 – Milho/SC: preço médio mensal ao produtor (R\$/sc de 60 kg), 2019-2023 (IGP-DI).

Fonte: Epagri- Cepa.



Variação temporal dos preços

Em dezembro de 2023, no estado, os preços ao produtor (média mensal), em relação a 30 dias (novembro), tiveram elevação de 4,91%. Já no cenário da variação anual (em relação a dezembro de 2023), tiveram um recuo de 13,45% (Figura 2).

Figura 2 – Milho/SC: Variação dos preços ao produtor em 30 dias e 12 meses, base outubro de 2023.

Fonte: Epagri- Cepa.

Variação dos preços atuais e relações com mercado futuro Ibovespa-B3,

Os preços no Cepea e Epagri/Cepa (Campinas e Chapecó) são os atuais no atacado (Figura 3). Observa-se que as cotações em relação ao contrato B3 - H24 (março 2024) mostram uma tendência de elevação das cotações acima de R\$70,00. Neste caso, as condições atuais das lavouras da safra de verão em curso apontam para uma redução da produção futura (milho safra 1 e 2), quando comparado com a safra anterior. O mercado interno, que tem maior influência nos preços no momento, está esperando uma menor disponibilidade do produto em 2024.

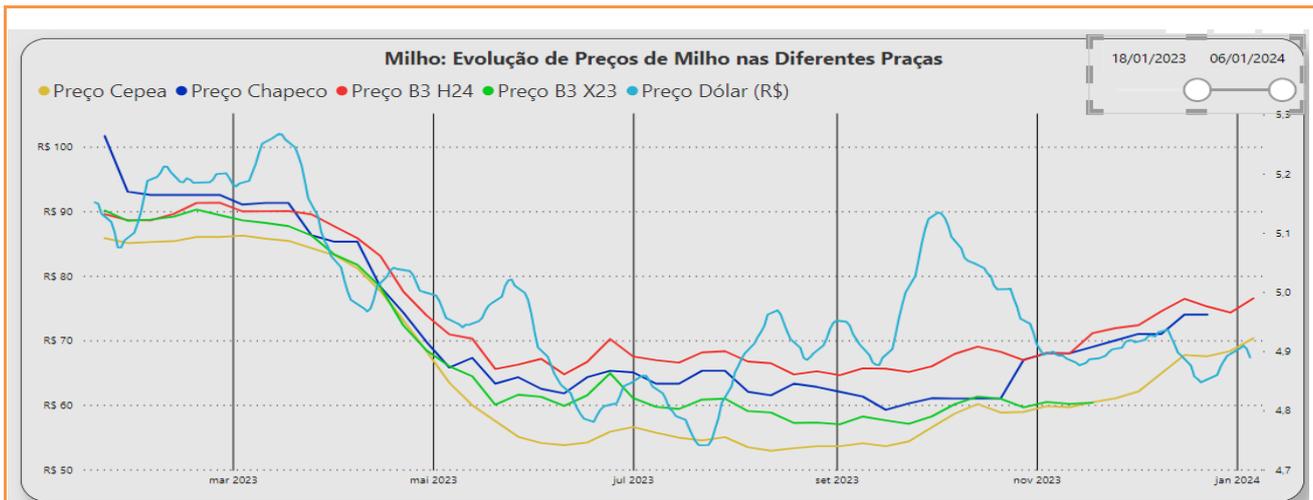


Figura 3. Milho/Mercado futuro: Cotações dos preços Cepepa (Campinas-atacado) Chapecó (atacado), B3X23 (contrato Nov. 2023) e B2H24 (contrato março 2024).

Fonte: Esalq/Cepepa B3 Ibovespa, Elaboração: Epagri- Cepa.

SAFRA 2023/24 - Santa Catarina

Os primeiros números mostraram uma redução de área cultivada na primeira safra de 2023/24 de 6,7% (Figura 3). As condições climáticas do início da safra, com excesso de chuvas atrasando o plantio e dificultando os tratos culturais, inundações de lavouras já em desenvolvimento, perda de nutrientes, e muitos dias nublados reduzem a fotossíntese e o potencial produtivo, bem como o prognóstico do rendimento inicial. Além disso, a incidência de cigarrinha e doenças associadas podem se manifestar no final do ciclo. Contudo, até o momento, a safra ainda pode ser considerada satisfatória. Em termos de produção total, há uma diminuição prevista neste relatório de 6,7%, que corresponde a cerca de 180 mil toneladas.

Tabela 1. Milho/SC: Estimativa inicial para safra 2023/24 - área, produção e rendimento, comparativo com o prognóstico inicial (2023/24)

MRG	Safra 2022/2023			Safra 2023/2024 jan 24		
	Área Plant (ha)	Prod Méd (t/ha)	Produção (t.)	Área Plant (ha)	Prod Méd (t/ha)	Produção (t.)
Araranguá	7.786	7.728	60.168	7.786	7.809	60.797
Blumenau	1.975	4.967	9.811	1.849	4.753	8.789
Campos de Lages	31.270	8.146	254.716	27.860	7.777	216.665
Canoinhas	33.300	9.761	325.040	29.900	9.517	284.560
Chapecó	43.460	8.916	387.471	42.375	9.026	382.472
Concórdia	22.730	6.792	154.371	21.830	7.612	166.170
Criciúma	7.109	8.015	56.978	7.109	8.057	57.278
Curitibanos	24.470	8.710	213.123	19.719	9.699	191.258
Ituporanga	9.450	7.727	73.020	8.850	6.811	60.278
Joaçaba	60.815	8.463	514.697	59.226	7.956	471.220
Joinville	520	5.221	2.715	390	4.906	1.914
Rio do Sul	18.290	7.088	129.648	16.780	6.696	112.353
São Bento do Sul	3.100	9.077	28.140	3.100	8.919	27.650
São Miguel do Oeste	22.840	7.634	174.359	21.480	8.658	185.975
Tijucas	2.220	6.352	14.102	2.080	5.938	12.352
Tabuleiro	3.315	5.486	18.185	3.635	5.339	19.406
Tubarão	4.433	7.791	34.536	4.433	7.945	35.222
Xanxerê	24.180	9.926	240.020	21.030	10.285	216.300
Total Geral	321.263	8.377	2.691.099	299.432	8.385	2.510.658

Fonte: Epagri- Cepa.

Calendário e situação das lavouras

Extremo Oeste e Sul do estado.

Nestas regiões, a colheita da primeira safra avança desde início de janeiro de 2024. As lavouras semeadas em agosto estão apresentando rendimento entre 40 e 120 sacas por hectare, abaixo da expectativa inicial. O excesso de chuvas em outubro e novembro, pouca luminosidade, incidência de cigarrinha e doenças de final de ciclo impactaram no rendimento.

As lavouras semeadas em setembro apresentam uma condição melhor de desenvolvimento.

Planalto Norte: As lavouras de milho estão sendo bem avaliadas. A produtividade esperada, porém, é menor que a da safra anterior, resultado de excessos de chuvas, lixiviação de nutrientes, dificuldade de manejo nas lavouras com as aplicações de adubação de cobertura.

Região de Curitiba e Campos Novos:

A melhora da condição climática das últimas semanas poderá melhorar a situação das lavouras. Embora a cultura tenha sido bastante afetada pelo clima nos meses de outubro e novembro, o manejo tecnológico empregado pelos produtores na recuperação das mesmas amenizou significativamente os problemas. No campo, grande parte das lavouras está em floração/enchimento de grãos e maturação. A expectativa de início de colheita é para o mês de fevereiro.

Região de Xanxerê /Abelardo Luz:

As primeiras áreas colhidas nestas regiões mostram produtividades abaixo do prognóstico inicial, cerca de 130-140 sc/ha. Falta de luminosidade e perdas de nutrientes por lixiviação foram relatadas como causa desta redução. Os rendimentos devem aumentar à medida que avança a colheita em áreas semeadas a partir do final de setembro.

Safra Nacional

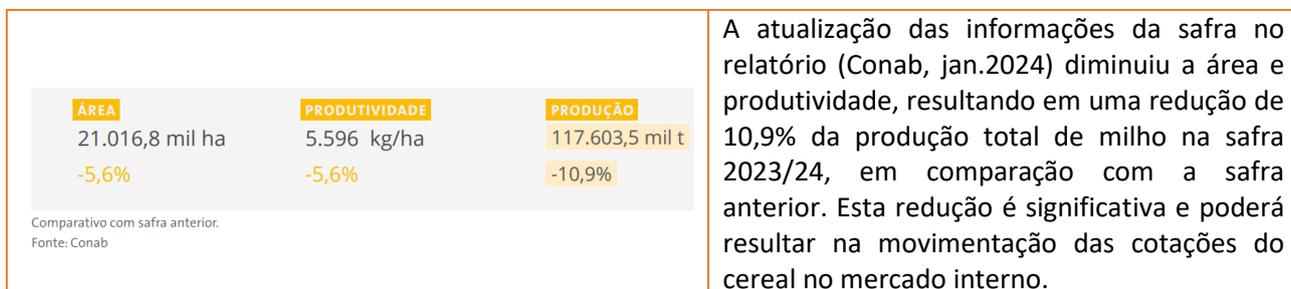


Figura 6 – Milho/SC: Evolução da produção mundial de milho, de 2019-20 a 2023-24 (estimativa).

Fonte: Conab, jan. 2024.

Produção mundial

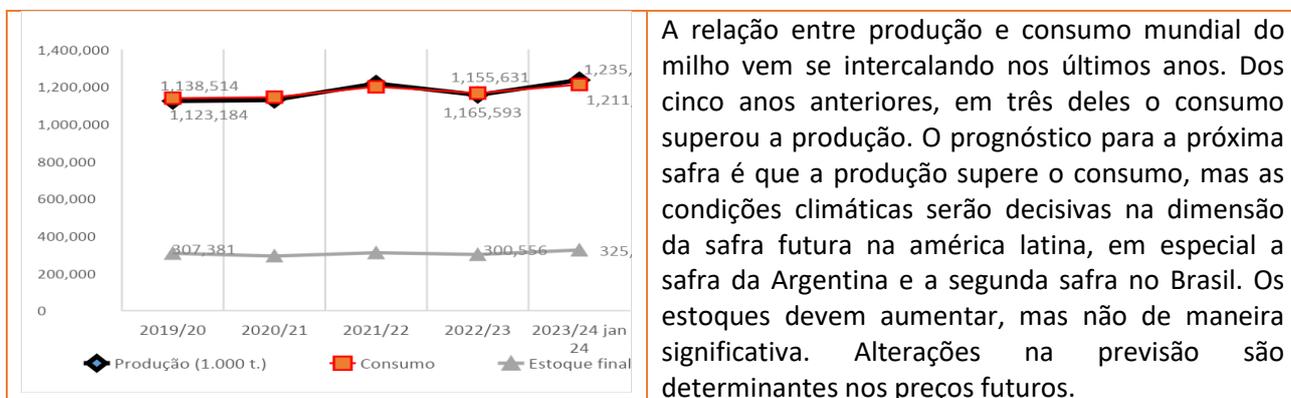


Figura 6 – Milho/SC: Evolução da produção mundial de milho, de 2019-20 a 2023-24 (estimativa).

Fonte: USDA, jan. 2024.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado da soja

Os preços da soja em grão ao produtor apresentaram comportamento diferenciado nos últimos 5 anos. Em 2020 iniciou uma forte escalada de alta, motivada pelo balanço oferta e demanda mundial e quadro de pandemia. Nos dois anos seguintes, as cotações se mantiveram em patamar acima de R\$150,00/sc. Em 2023, com a maior oferta do produto, os preços tiveram um declínio acentuado, permanecendo em torno de R\$130,00/sc (Figura 1).

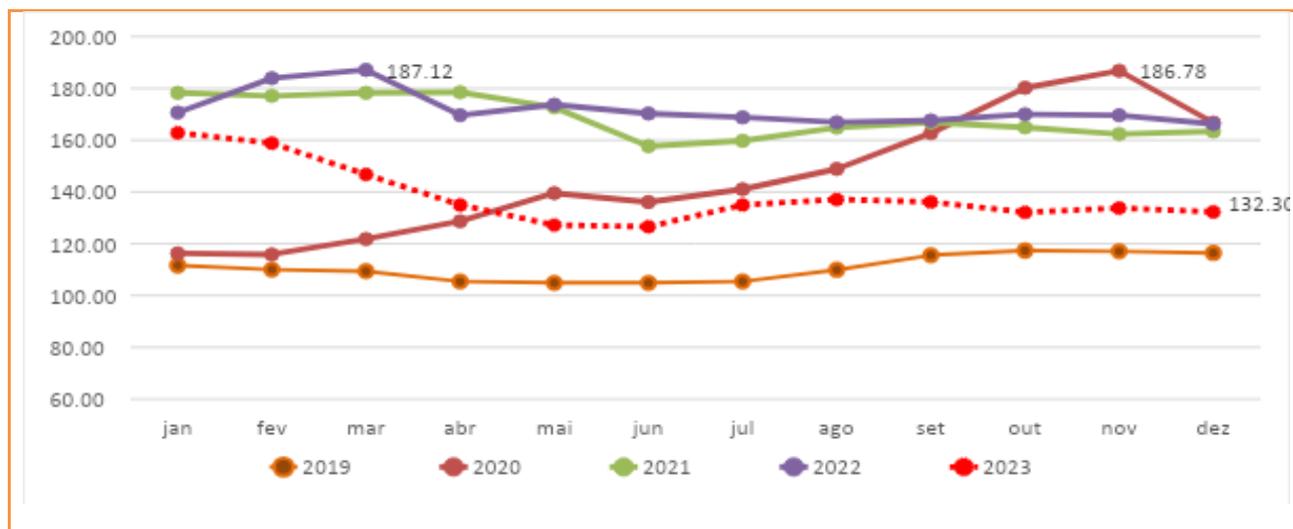
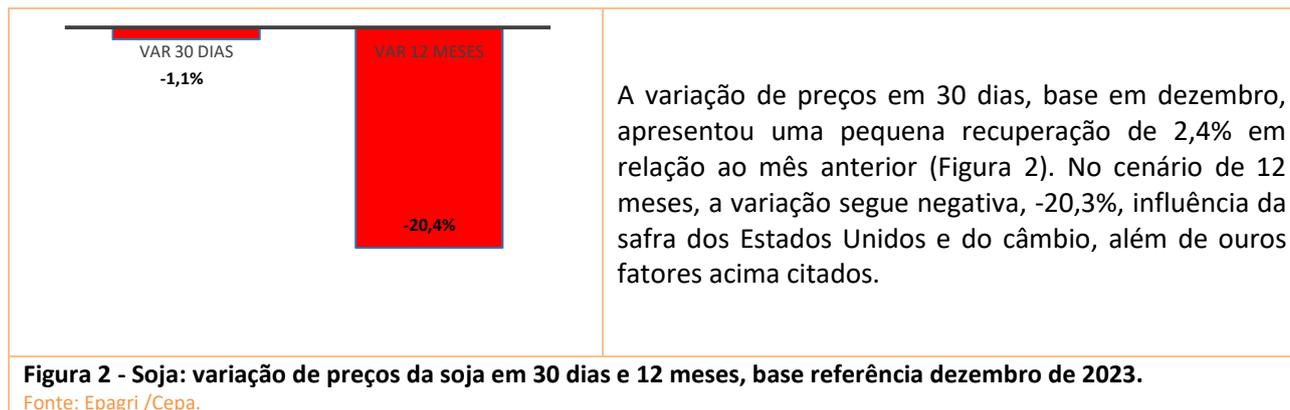


Figura 1 - Soja em grão: preços mensais recebidos pelo produtor (R\$/sc), levantados pela Epagri/Cepa e média estadual de 2019 a 2023 (preço mais comum, média estadual, corrigido pelo IGP-DI).

Fonte: Epagri /Cepa.

Comportamento do Mercado da Soja no Início de 2024:

1. Safra na América do Sul: recuperação da produção, em especial na Argentina, que pressiona cotações no mercado atual.
2. Margem na China: o processo de esmagamento de soja deve ser menor. Estoques retornaram aos níveis normais em comparação com o mesmo período de 2023. Sem necessidade de mais compras por enquanto.
3. Ano Novo Chinês em janeiro: antecipa-se que os negócios na China serão afetados durante as celebrações.
4. Gripe Aviária na Europa: Com o aumento de casos, países consumidores estão cancelando compra de carnes, indicando possível queda na demanda por farelo de soja.
5. Análise Fundamental:
 - Não há perspectiva de aumento nos preços da soja a curto prazo
 - Especula-se que será necessário um novo fator externo para impulsionar a elevação dos preços.



Safra estadual 2023/24 por microrregião

A produção total prevista para a safra atual é de 2,88 milhões de toneladas (MT) (Figura 3). Em relação à safra anterior, apresenta um aumento estimado de 1,45% em função, principalmente, do aumento da área cultivada. A Epagri-Cepa está mapeando a área de soja no estado através de sensoriamento remoto/imagens de satélite, que fornece elementos para os ajustes na área de cultivo atual. Desta maneira, os números estarão mais próximos da realidade de campo.

Figura 3 - Soja/Santa Catarina: estimativa inicial da safra 2023/24 em área, produção e produtividade, média regional e estadual - comparativo com a estimativa atual (dez. /2023).

MRG	Safra 2022/23			Safra 2023/24 – est. Jan.2024		
	Área Plant. (ha)	Prod. Méd. (t/ha)	Produção (t.)	Área Plant. (ha)	Prod. Méd. (t/ha)	Produção (t.)
Araranguá	740	3.526	2.609	740	3.489	2.582
Campos de Lages	82.350	3.757	309.410	89.700	3.715	333.246
Canoinhas	154.450	3.986	615.660	161.150	3.693	595.130
Chapecó	87.720	3.357	294.510	85.000	3.542	301.058
Concórdia	7.870	4.045	31.831	8.722	3.826	33.371
Criciúma	4.440	3.531	15.679	4.440	3.535	15.698
Curitibanos	121.480	4.090	496.865	125.330	4.099	513.681
Ituporanga	8.700	3.666	31.890	9.100	3.284	29.882
Joaçaba	61.565	4.029	248.044	63.619	3.860	245.549
Rio do Sul	8.020	3.465	27.786	10.240	3.220	32.975
São Bento do Sul	12.700	3.785	48.070	12.700	3.374	42.850
São Miguel do Oeste	39.000	4.119	160.636	39.870	3.845	153.288
Tubarão	1.450	3.183	4.615	1.450	3.297	4.781
Xanxerê	141.720	3.912	554.438	138.870	4.175	579.773
Total Geral	732.205	3.881	2.842.042	750.931	3.840	2.883.862

Fonte: Epagri /Cepa.

Comportamento da safra:

Houve um atraso significativo no calendário de plantio em cerca de 30 dias na safra atual. Nas regiões com maior altitude, o plantio foi finalizado somente em dezembro. Houve problemas com o excesso de chuvas em outubro e novembro de 2023, acarretando erosão, lixiviação de nutrientes, falha em stand e dificuldade no manejo das lavouras;

As condições climáticas tiveram maior regularidade em dezembro e janeiro 2024, que sugere uma recuperação no desenvolvimento das plantas. A maioria das lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo, não sendo possível no momento estimativas mais precisas da produção.

Há indicativos de redução no potencial produtivo esperado em função da tecnologia aplicada. As estimativas da produtividade são atualizadas todos os meses pela Epagri-Cepa. As condições climáticas em janeiro e fevereiro terão papel fundamental na definição do volume da produção.

Produção Nacional²

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
45.259,5 mil ha	3.431 kg/ha	155.269,3 mil t
+2,7%	-2,2%	+0,4%

O relatório de janeiro de 2024¹ aponta para um aumento de 2,7% na área cultivada em relação ao anterior. Quanto a produção, no relatório de dezembro houve mais uma redução, desde o relatório inicial, em termos absolutos a redução foi superior a 7 milhões de toneladas para a estimativa da produção total de soja no Brasil. Assim, a produção esperada deve alcançar 155,27 milhões de toneladas, uma elevação prevista de 0,4% sobre a safra passada. Os fatores que justificam esta redução foram: a estiagem no Centro-Oeste e o das chuvas em excesso no Sul do País em outubro e novembro.

Figura 4 - Soja/Brasil: Relatórios de (janeiro/2024) em área, produção e produtividade e comparativo com a safra anterior.
 Fonte: Conab, out. 2023.

Produção Mundial

O relatório do USDA3 (janeiro de 2024) atualiza as estimativas para produção mundial de soja, apresentou alterações significativas, com foco especial na Argentina e do Brasil:

1. Argentina (2023/24):

- Aumento de 2 milhões de toneladas, alcançando 50 milhões
- Esmagamento de soja elevado em 1 milhão de toneladas
- Recuperação após seca histórica no ano anterior

2. Brasil (2023/24):

- Redução da produção de 4 milhões de toneladas, totalizando 157 milhões, diferente da estimativa da Conab
- O impacto do clima quente e seco nos últimos meses (centro Oeste) e o excesso de chuvas no sul do Brasil, prejudicou o desenvolvimento da safra atual
- Perspectivas de produção levaram a significativa revisão para baixo no esmagamento de soja, farelo e produção de óleo

Essa dinâmica destaca a influência crucial das condições climáticas na produção global de soja e seus reflexos nas economias desses países, que tem na oleaginosa uma importante pauta de exportações.

² Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.11 – safra 2023/24, nº3 – Quarto levantamento | janeiro de 2024.

³ Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 2 January 2024 Global Market Analysis

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços médios recebidos pelos produtores catarinenses de trigo voltaram a subir em dezembro. No mês de dezembro, houve variação positiva de 2,12% em relação ao mês anterior. Na comparação anual, em termos nominais, os preços recebidos em dezembro deste ano estão 30,12% abaixo dos registrados no mesmo mês de 2022. No Rio Grande do Sul, o preço médio mensal registrou alta de 12,02%, e queda de 22,69% na comparação com o preço médio praticado em dezembro de 2022. O preço médio do trigo no mercado-balcão do Paraná, no mês de dezembro, foi de R\$ 66,33/sc de 60 kg, variação positiva de 4,10% em relação ao preço médio mensal de novembro.

Tabela 1 - Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Dez. /23	Nov. /23	Variação mensal (%)	Dez. /22	Variação anual (%)
Santa Catarina	63,19	61,88	2,12	90,43	-30,12
Paraná	66,33	63,72	4,10	93,73	-29,23
Mato Grosso do Sul	63,10	64,00	-1,41	88,95	-29,06
Goiás	81,86	76,45	7,08	108,00	-24,20
Rio Grande do Sul	63,83	56,98	12,02	82,56	-22,69

Nota: Trigo-pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Deral/Seab (PR); Conab (MS, GO e RS), jan. /2024.

Mesmo com o mercado baixista registrado durante praticamente todo ano de 2023, como pequena recuperação nos dois últimos meses do ano, o cultivo do trigo continua a despertar o interesse dos agricultores brasileiros, com destaque para a região Sul do país. O aumento na demanda internacional pelo produto, associado a redução da produção argentina, em função dos problemas de colheita em função dos efeitos do El Niño, e pela guerra entre a Rússia e a Ucrânia, bem como a redução dos custos de produção para a safra 2023/24, foram fatores que aumentaram o otimismo dos produtores em relação à colheita passada.

A safra nacional de trigo, segundo dados da Conab, teve um incremento de 12,3% na área plantada, que passou de 3.086 mil hectares para atuais 3.466 mil hectares. Por outro lado, em função dos problemas climáticos (excesso de chuvas), a produtividade média nacional esperada passou de 3.040 kg/ha para 2.349 kg/ha, uma redução de 31,2%. Com isso, a produção estimada está em 8,14 milhões de toneladas, uma redução de 22,8% quando comparada a safra 2022/23, quando o país atingiu a produção de 10,55 milhões de toneladas.

Com a chegada do final do ano de 2023, é possível constatar que a economia brasileira mostra sinais de recuperação. A taxa Selic, taxa básica de juros da economia, que influencia outras taxas de juros do país, como nos empréstimos e aplicações financeiras, recuou 14,6% em dezembro de 2023, na comparação com dezembro de 2022. Nosso PIB em 2023 deverá crescer em torno de 3,1%, o câmbio está abaixo de R\$ 5,00 por dólar e a inflação (IPCA) dos últimos 12 meses encontra-se em 4,7%. Esses números são bastante positivos quando comparados às estimativas expectativas iniciais.

No mercado agrícola catarinense, observou-se durante o ano de 2023, alguns recuos nos preços recebidos pelos produtores rurais. Na comparação com as cotações de dezembro de 2022, os preços médios estaduais da saca de soja em dezembro de 2023, apresentaram redução de 23%; o preço do milho recuou quase 31%, e o trigo teve queda anual de 30%. Esses produtos são commodities e a formação de seus

preços depende não apenas de fatores internos, mas, sobretudo, de aspectos relacionados ao mercado internacional.

Excesso de chuvas, granizos, vendavais e enxurradas, provocou perdas quantitativas e qualitativas expressivas para as produções do agro catarinense, gerando incertezas quanto à rentabilidade das lavouras a serem colhidas. É bom lembrar que, tanto os produtos de mercado interno, como os de mercado externo, têm suas cotações influenciadas pelas perdas por problemas climáticos, como aqueles vivenciados com maior intensidade no último trimestre de 2023.

Diante desse cenário, o ano de 2024 começa com alguns fatores influenciando um movimento altista. A Argentina, nosso principal fornecedor de trigo, continua com forte movimentação exportadora para outros países, o que diminuirá a disponibilidade para os importadores brasileiros, provocando alta nos preços. Outro aspecto é a baixa disponibilidade de trigo para panificação proveniente do mercado interno, o que faz com que os preços se equiparem os preços de importação, que deverão subir ainda mais, com a provável alta do preço do trigo argentino nos próximos meses, com o início da entressafra.

Do lado das exportações, bastante aquecidas nos últimos anos, já há indícios que o comportamento do escoamento da safra (com trigo de qualidade ruim) não será o mesmo. Segundo projeções da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec), a exportação de trigo do Brasil deve alcançar 512,3 mil toneladas em dezembro, 25,7% inferior ao mesmo mês do ano passado, quando atingiu o volume de 689 mil toneladas. No ano, a Anec projeta embarques de 2,5 milhões de toneladas de trigo brasileiro, ou seja, 20,6% a menos do que em 2022.

Tabela 2 - Evolução das exportações brasileiras de trigo - 2022 e 2023*

Exportações	2022 (Toneladas)	2023* (Toneladas)	Varição (Toneladas)	Varição (%)
Janeiro	695.953	651.163	-44.790	-6,4
Fevereiro	925.264	522.988	-402.276	-43,5
Março	508.164	485.365	-22.799	-4,5
Abril	156.427	176.556	20.129	12,9
Maio	109.099	45.695	-63.404	-58,1
Junho a outubro	0	0	0	0
Novembro	116.813	147.219	30.406	26,0
Dezembro	689.256	512.342	-176.914	-25,7
Total do ano	3.200.976	2.541.328	-659.648	-20,6

Nota: *2023: estimativa baseada no cronograma de embarque.

2022: total do ano.

Fonte: Anec - Associação Nacional dos Exportadores de Cereais, jan. /2024.

Safra Catarinense

Com o encerramento da colheita no estado, é esperada uma redução de 2% na área plantada, passando de 139,7 mil hectares alcançados na safra passada, para 137,4 mil hectares. A produtividade estimada indica rendimento de 2.336 kg/ha, representando redução de 33% em relação à safra anterior. Predomina um peso hectolitro (PH) inferior ao do padrão comercial de 78. O resultado será uma produção bem menor, em torno de 320,9 mil toneladas, volume 32% inferior ao da safra anterior.

Tabela 2 - Trigo grão – Comparativo entre a safra 2022/23 e estimativa safra 2023/24

Microrregião	Safra 2022/23			Estimativa safra 2023/24			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Araranguá				360	719	1.997			
Campos de Lages	8.380	33.868	4.042	5.650	14.876	2.633	-33	-56	-35
Canoinhas	27.100	91.130	3.363	21.700	30.704	1.415	-20	-66	-58
Chapecó	27.880	85.940	3.082	29.154	74.720	2.563	5	-13	-17
Concórdia	3.455	13.106	3.793	3.710	8.884	2.395	7	-32	-37
Criciúma				580	1.139	1.964			
Curitibanos	24.680	103.704	4.202	22.390	54.301	2.425	-9	-48	-42
Ituporanga	3.660	7.704	2.105	2.715	3.232	1.190	-26	-58	-43
Joaçaba	9.580	36.576	3.818	12.090	29.998	2.481	26	-18	-35
Rio do Sul	1.990	4.453	2.238	1.465	1.741	1.188	-26	-61	-47
São Bento do Sul	1.150	3.610	3.139	800	1.100	1.375	-30	-70	-56
São M. do Oeste	8.615	25.237	2.929	10.842	26.549	2.449	26	5	-16
Tubarão				490	984	2.008			
Xanxerê	23.210	76.462	3.294	25.430	71.985	2.831	10	-6	-14
Santa Catarina	139.700	481.790	3.449	137.376	320.931	2.336	-2	-33	-32

Fonte: Epagri/Cepa, jan. /2024.

Aveia

A área de aveia acompanhada pelo Sistema de Produções e Mercado (SPM) da Epagri/Cepa, diz respeito à área em que o cultivo da lavoura tem como finalidade a produção de grãos. A produção da aveia grão, que será utilizada como semente na safra seguinte, tem como principal destino a cobertura de solo para a formação de palhada para o plantio de lavouras temporárias de verão e lavouras permanentes, assim como para a produção de pastagem de inverno para a pecuária de corte e leite. Para a próxima safra, é bem provável que venhamos a ter problemas com a oferta de sementes de aveia, seja pela baixíssima qualidade, como pela reduzida quantidade.

Nesta safra 2023/24, a área total plantada foi de aproximadamente 30 mil hectares, o que representa uma redução de 10% em relação à safra 2022/23. Problemas como excesso de chuvas atrapalharam o desenvolvimento da cultura; com isso, a produtividade deverá sofrer redução em torno de 28%. O resultado será uma safra menor na comparação com a safra anterior, com uma redução de 35% na produção total.

Tabela 3 - Aveia grão – Comparativo entre as safras 2022/23 e estimativa safra 2023/24

Microrregião	Safra 2022/23			Estimativa Safra 2023/24			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Campos de Lages	572	572	1.000	1.100	880	800	92	54	-20
Canoinhas	3.310	2.564	775	2.000	855	428	-40	-67	-45
Chapecó	2.872	3.786	1.318	3.092	2.363	764	8	-38	-42
Concórdia	460	796,8	1.732	650	675	1.038	41	-15	-40
Curitibanos	6.600	15.132	2.293	6.100	5.806	952	-8	-62	-58
Joaçaba	650	1395	2.146	700	899	1.284	8	-36	-40
São Bento do Sul	110	81	736	70	30	429	-36	-63	-42
São Miguel do Oeste	2.795	4.791	1.714	3.205	4.573	1.427	15	-5	-17
Xanxerê	15.890	24.082	1.516	13.060	18.444	1.412	-18	-23	-7
Santa Catarina	33.259	53.200	1.600	29.977	34.525	1.152	-10	-35	-28

Fonte: Epagri/Cepa, jan. /2024.

Cevada

A produção de cevada em Santa Catarina tem como finalidade a produção de cerveja. Os produtores cultivam esse cereal a partir de contratos de garantia de compra pelas indústrias cervejeiras (p. ex., a Ambev). Toda assistência técnica é oferecida por essas empresas, que acompanham desde a implantação até a colheita do cereal. Por se tratar de um produto que tem um mercado definido, com exigências específicas quanto à qualidade para a produção de malte cervejeiro, em muitos anos, fatores climáticos impedem que a cultura atinja os padrões exigidos pela indústria. Com isso, muitos produtores acabam não obtendo a rentabilidade esperada, fato que desmotiva novos investimentos e ampliação da atividade nos anos seguintes.

Das áreas com cultivo de cevada no mundo, cerca de 70% destinam-se a suprir a alimentação animal. No Brasil, o cultivo sempre esteve voltado à produção de cevada cervejeira, cuja produção atende apenas a 30% da demanda da indústria instalada no País. O clima, a genética e as práticas de manejo corretas são fatores determinantes para a produção de cevada no padrão de qualidade para malteação, particularmente em relação ao poder germinativo, ao tamanho do grão, ao teor de proteínas e à sanidade de grãos.

A produção brasileira de cevada para fins cervejeiros está concentrada nos três estados da Região Sul do Brasil. Em Santa Catarina, na safra 2023/24, a área plantada com cevada praticamente dobrou, passando de 710 ha, para 1.524 ha. Em função das condições climáticas adversas ao longo de todo o ciclo de desenvolvimento da cultura, a produtividade deverá sofrer redução de 36%. Nossa produção estadual é pequena; deveremos colher aproximadamente 4 mil toneladas, registrando um aumento de 36% em relação à safra 2022/23.

Tabela 4 - Cevada grão – Comparativo entre as safras 2022/23 e estimativa safra 2023/24

Municípios	Safras 2022/23			Estimativa Safra 2023/24			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Água Doce	250	990	3.960	110	264	2.400	-56	-73	-39
Campos Novos	120	540	4.500	900	2.376	2.640	650	340	-41
Fraiburgo	100	270	2.700	100	270	2.700	0	0	0
Lages	240	1152	4.800	414	1.118	2.700	73	-3	-44
Santa Catarina	710	2.952	4.158	1.524	4.028	2.643	115	36	-36

Fonte: Epagri/Cepa, jan. /2024.

Hortalças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epaagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

O investimento em tecnologias para a produção de alho contribuiu para a elevação da produção, produtividade e qualidade do alho brasileiro, especialmente na Região do Cerrado. Segundo dados da PAM/IBGE, em 2022 o Brasil produziu mais de 181 mil toneladas de alho contribuindo com mais de 65 % do consumo interno.

Mercado e preço

No mercado atacadista da Ceagesp, na cidade de São Paulo, o mês de dezembro se iniciou com o alho classe 5, a R\$ 17,31/kg, aumento de 2,97% em relação ao início do mês de novembro quando foi comercializado a R\$16,81/kg. O alho classe 6 iniciou o mês a R\$ 18,78/kg, aumento de 1,57% e o alho classe 7, a R\$ 20,66/kg, aumento de 2,48 %. No decorrer do mês as cotações não tiveram alterações significativas. O mês de janeiro/24 se iniciou com melhoria nas cotações. Na primeira semana, o alho classe 5 foi comercializado a R\$ 18,59/kg, aumento de 7,39 % em relação ao início de dezembro. O classe 6 foi comercializado a R\$ 20,57/kg, aumento de 10,65% e o classe 7, a R\$ 22,99/kg, aumento de 11,28 % em relação ao início do mês de dezembro.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o preço do alho-nobre nacional permaneceu com cotações praticamente estáveis ao longo do mês de dezembro e início de janeiro de 2024. O alho classe 4 foi comercializado a R\$ 15,50/kg; o classe 5, a R\$ 16,00/kg; o alho classe 6, a R\$ 18,00/kg e o alho classe 7, a R\$ 19,50/kg.

Produção

A safra catarinense 2023/24 já foi totalmente colhida. A ocorrência das fortes chuvas nos últimos meses de 2023 afetou drasticamente a produção de alho no estado, sendo que 40% das lavouras apresentaram condição ruim, 30% média e apenas 30% foram consideradas boas. Por consequência, a produção total do estado não deve chegar a 7,65 mil toneladas.

Na figura 1, apresenta-se a evolução da produção de alho em Santa Catarina desde a safra 2018/19 até a safra 2022/23 e a estimativa atual da safra 2023/24. A área plantada com a cultura vem perdendo espaço em Santa Catarina nos últimos três anos devido à falta de rentabilidade para os produtores. Na safra 2018/19, o plantio foi de 2.406 ha, enquanto, na atual, a área plantada é de 996 ha, redução de 58,64% em relação à safra 2018/19. A produção atual esperada permanece em 7,65 mil toneladas com rendimento de 7.689 kg/ha.

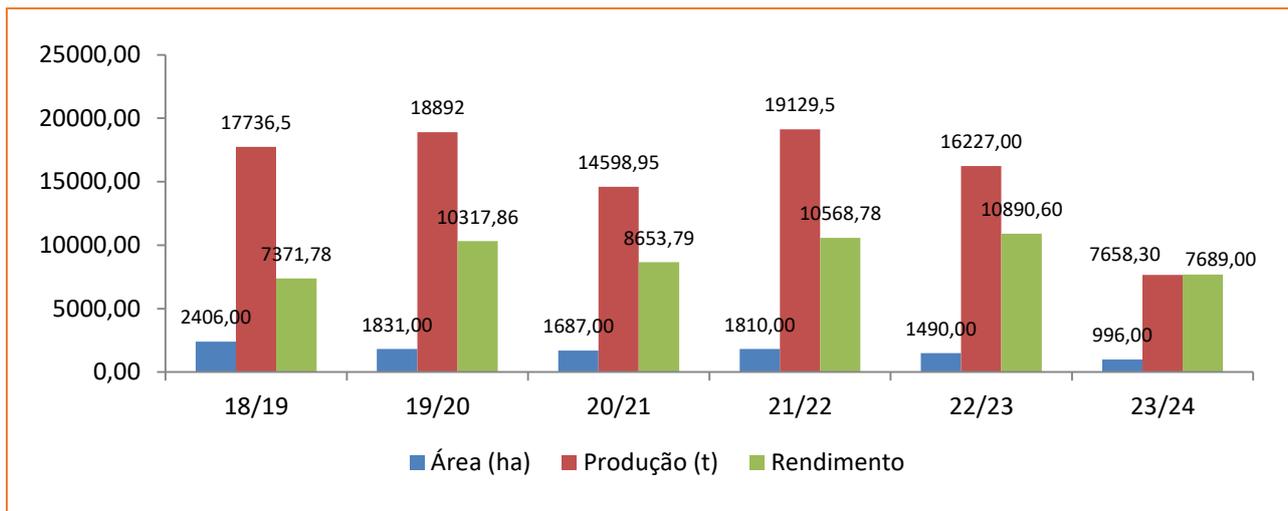


Figura 1 - Alho – SC: área plantada, produção e rendimento das safras de 2018/19 a 2023/24

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em dezembro próximo passado, foram importadas apenas 16,12 mil toneladas de alho, volume semelhante para o mês nos últimos anos. A quantidade importada em 2023 soma 115,03 mil toneladas, 3,81 % menor que a importada em 2022, que foi de 119,59 mil toneladas.

Na tabela 1, se observa o comportamento das importações de alho nos últimos anos. Em 2023, o volume importado foi o menor desde 2019. A redução das importações decorre do aumento da produção interna, do câmbio favorável à produção nacional e da maior eficiência da produção brasileira.

Tabela 1 – Alho – Brasil: importações de jan./2019 - dez./2023 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,46
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	2,61	3,57	13,65	125,68
2022	9,2	13,89	15,43	11,48	13,43	13,74	8,43	6,21	2,09	1,93	5,38	18,38	119,59
2023	14,91	13,09	12,07	11,02	13,15	10,89	6,60	2,75	3,78	5,33	5,32	16,12	115,03

Fonte: Comexstat/ME (jan. 2024).

Com relação ao preço do alho importado no mês de dezembro, o preço médio (FOB) apresentou redução em relação ao mês de novembro, sendo comercializado a US\$ 1,04/kg, puxado pelo preço do alho argentino (Figura 2).

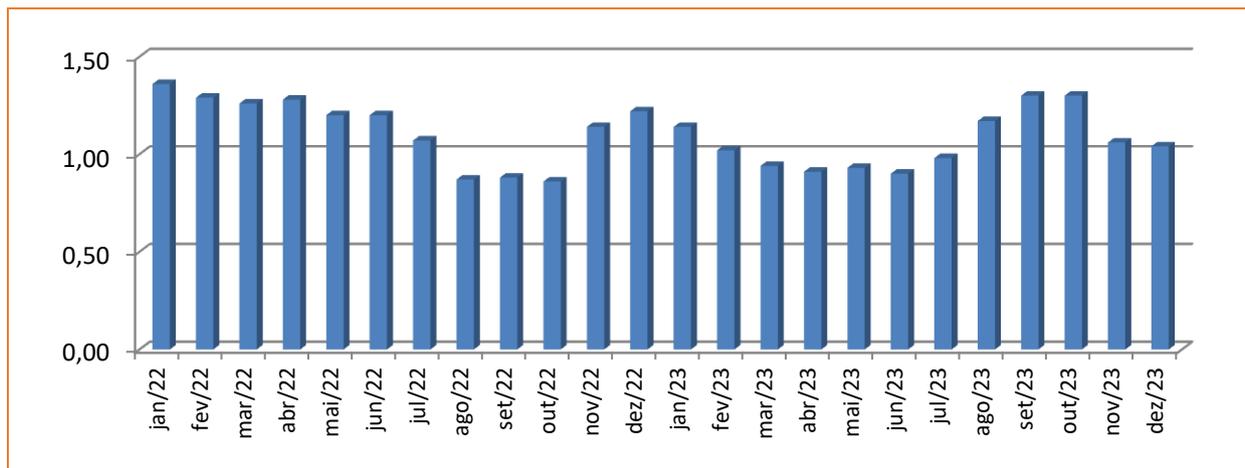


Figura 2 - Alho - Brasil: preço médio (FOB) da importação (US\$/Kg) – jan./2022- dez./2023.

Fonte: ComexStat/ME (jan. 2024).

Na figura 3, apresenta-se a evolução da quantidade internalizada de alho e o desembolso mensal do Brasil - ao longo de 2022 e 2023. Em dezembro a quantidade importada foi de 16,12 mil toneladas, com desembolso de US\$ 16,72 milhões (FOB).

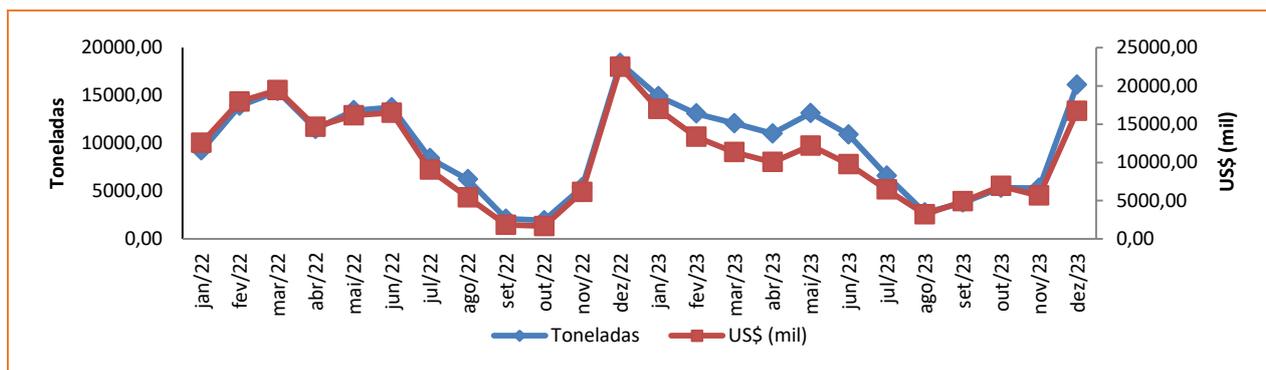


Figura 3 - Alho - Brasil: volume (t) e valores (mil US\$) da importação em 2022 e 2023.

Fonte: ComexStat/ME (jan. 2024).

Os fornecedores da hortaliça ao Brasil, no mês de dezembro, foram a Argentina com 14,71 mil toneladas, perfazendo 91,25% da importação no mês; a China com 1,16 mil toneladas equivalente a 7,24% e, Peru e Chile com 243 toneladas equivalente a 1,51% do volume importado (Figura 4).

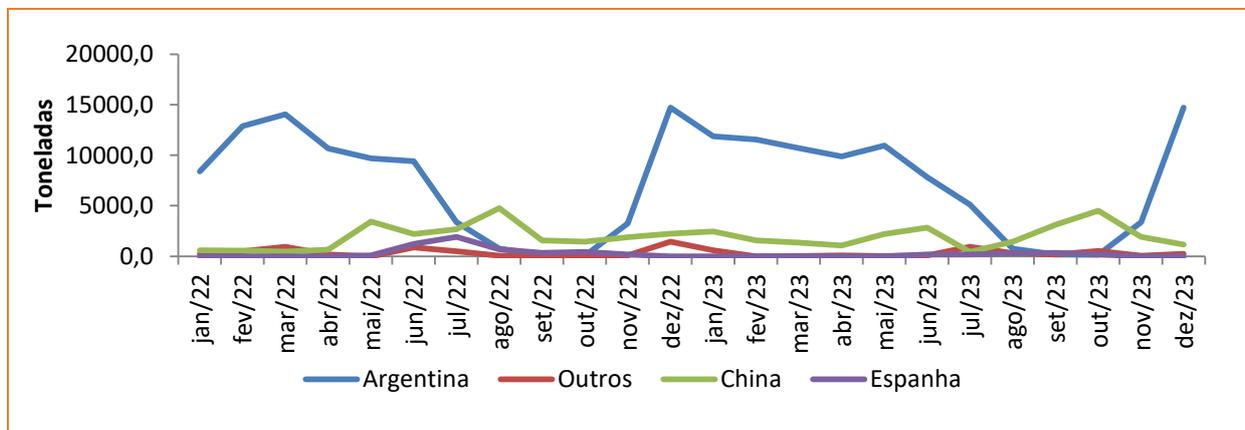


Figura 4 - Alho: Brasil - participação dos principais países fornecedores - jan./2022 - dez./2023 (t)

Fonte: Comexstat/ME (jan. 2024).

A conjuntura da safra 2023/24, em Santa Catarina, mantém em pauta o futuro da cultura no estado, onde as condições climáticas adversas agravaram a situação da cadeia produtiva. As medidas tributárias do estado com crédito presumido de ICMS são contribuições importantes para aliviar a situação e melhorar a competitividade do alho catarinense no mercado interno, porém a falta de resultados positivos para os produtores nas últimas safras ainda é o desafio mais importante para superar a descapitalização de muitas propriedades.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A safra de cebola em Santa Catarina foi fortemente afetada por eventos climáticos adversos, especialmente excesso de chuvas que provocaram perdas importantes de produção e qualidade do produto.

Preços e mercado

Na Ceagesp/SP, o mês de dezembro se iniciou com o preço em R\$ 5,29/kg para a cebola-nacional média – redução de 1,49% em relação ao preço do início de novembro, quando era de R\$ 5,37/kg. A entrada no mercado da safra do Sul, apesar dos problemas climáticos, contribuiu para uma oferta equilibrada da hortaliça. O mês de janeiro se iniciou com maior oferta, porém com parte do produto de menor qualidade, puxando as cotações para baixo, sendo que no dia 12/01/24, as cotações foram de R\$ 4,28/kg para cebola média.

Na Ceasa/SC (unidade de São José), o mês de dezembro se iniciou com preço da cebola tipo 3 no atacado a R\$ 4,50/kg, redução de 10% em relação ao início de novembro quando foi comercializada a R\$ 5,00/kg. Com a maior oferta do produto, as cotações baixaram para R\$ 3,50/kg no final do mês. O mês de janeiro se iniciou com preços estáveis da hortaliça, reflexo da boa oferta do produto, mantendo preço de R\$ 3,50/kg.

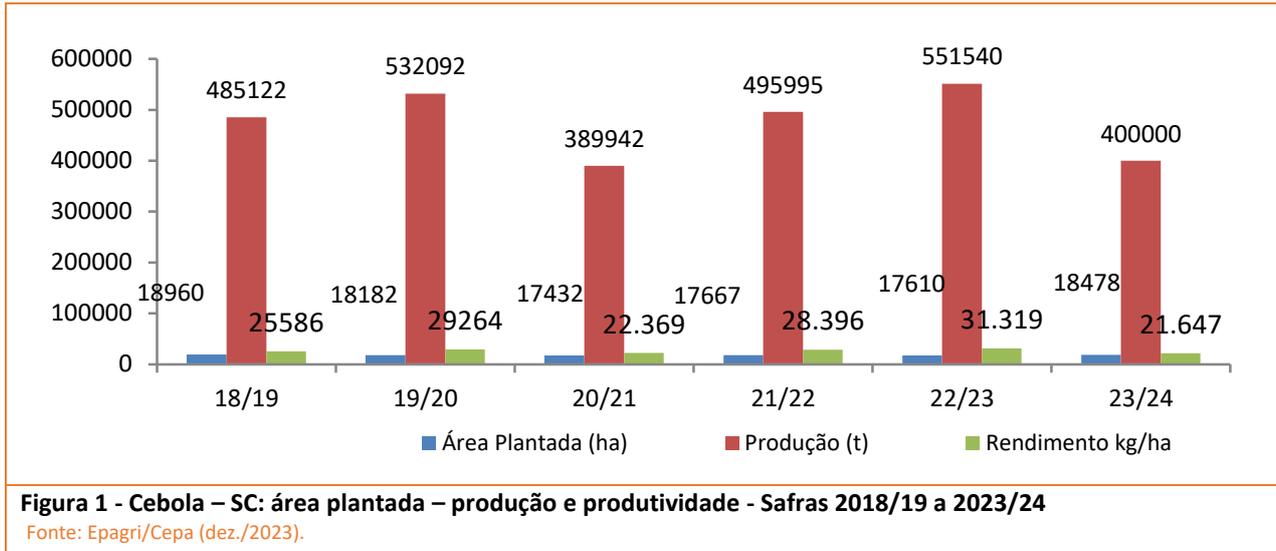
No mês de dezembro os produtores catarinenses de cebola receberam preço médio de R\$ 2,64/kg, portanto acima do custo médio de produção estimado em R\$ 1,67/kg.

Safra catarinense

O acompanhamento da safra 2023/24 da cebola em Santa Catarina, atualizados pela Epagri/Cepa no mês de dezembro indicou que as perdas foram de aproximadamente 27,47% em relação à estimativa inicial da safra que era de 551.540 toneladas.

A produtividade média esperada, após as perdas, passou de 30.039 kg/ha, para 21.647 kg/ha, perda de 8.392 kg/ha. De acordo com o levantamento do projeto safras da Epagri/Cepa, mais de 90% da área plantada no estado já foi colhida. Devido à qualidade da produção e as condições de armazenagem, muitos produtores enfrentam problemas para cura do produto em suas propriedades.

A figura abaixo mostra a evolução da cultura no estado, considerando a área plantada, a produção e a produtividade das últimas seis safras da hortaliça. A estimativa de produção atualizada em dezembro apresentou uma redução de 151.540 toneladas em relação à estimativa inicial da safra (Figura 1).



Importação

A importação brasileira de cebola em 2022 foi de 150.524 toneladas, correspondendo a um aumento de 28,70% em relação a 2021, quando foram importadas 116.961 toneladas. Em 2023, a importação foi de 134,135 toneladas, volume 10,89 % menor que do ano passado quando foram importadas 150.524 toneladas (Tabela 1). A redução das importações em 2023 se deve a boa oferta interna da hortaliça e a reduzida disponibilidade do produto no mercado externo.

Tabela 1 - Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2020 a dezembro de 2023 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640	197.752
2021	911	14.809	26.040	46.934	22.833	2.966	194	168	218	327	550	1.011	116.961
2022	668	3.221	29.178	30.254	53.013	12.238	144	130	1.944	3.319	8.914	7.501	150.524
2023	1.380	2.385	13.243	27.884	37.148	21.744	5.578	1.384	156	3411	10.396	9.426	134.135

Fonte: ComexStat/ME (jan./2024).

Na tabela 2, apresentam-se os principais países fornecedores da hortaliça nos anos de 2021, 2022 e 2023, em quantidade (t) e valores (US\$ - FOB). Em 2021, das 116,9 mil toneladas importadas, 98,65 mil vieram da Argentina, o que representa 84,34% do volume total. Dos Países Baixos, foram 8,76 mil toneladas, ou 7,49% do total; do Chile, 7,15 mil toneladas, o equivalente a 6,12% do total importado. Os demais países forneceram apenas 2,05% da importação. O preço médio FOB foi de US\$ 0,23/kg, com desembolso total, pelo País, de aproximadamente US\$ 25,77 milhões (FOB).

Em 2022, a quantidade importada foi de 150.524 toneladas, sendo a Argentina o principal fornecedor, seguida pelo Chile. O preço médio do ano foi de US\$ 0,27/kg (FOB) - aumento de 17,39% em relação ao preço médio do ano de 2021.

Em 2023, foram importadas 134.135 toneladas, com desembolso de US\$ 30,97 milhões, e preço médio (FOB) de US\$ 0,23/kg - redução de 14,81 % em relação ao preço médio do ano passado que foi de US\$ 0,27/kg.

Tabela 2 - Cebola – Brasil: principais países fornecedores de 2021 a 2023

Países	2021		2022		2023	
	(US\$ mil) FOB	Volume (t)	(US\$ mil)	Volume (t)	(US\$ mil)	Volume (t)
Argentina	19.162,26	98.650,00	20.932,50	104.736,00	22.703,04	120.083,00
Chile	2.888,34	7.155,00	10.234,50	25.065,20	2.257,50	4.790,00
Países Baixos	3.161,48	8.767,00	5.077,90	11.576,30	3.038,34	5.074,00
Espanha	409,52	2.008,00	4.536,40	8.776,60	2.700,87	3.578,00
Nova Zelândia	58,30	104,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Uruguai	84,93	253,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Peru	10,00	24,00	109,50	316,00	259,76	592,00
Estados Unidos	0,00	0,00	20,20	53,90	16,87	18,00
Total	25.774,83	116.961,00	40.911,00	150.524,00	30.976,37	134.135,00

Fonte: ComexStat/MDICS (jan. 2024).

Com relação ao volume importado, o Brasil internalizou no mês de dezembro 9,42 mil toneladas; com desembolso (FOB) de US\$ 3,50 milhões (Figura 2).

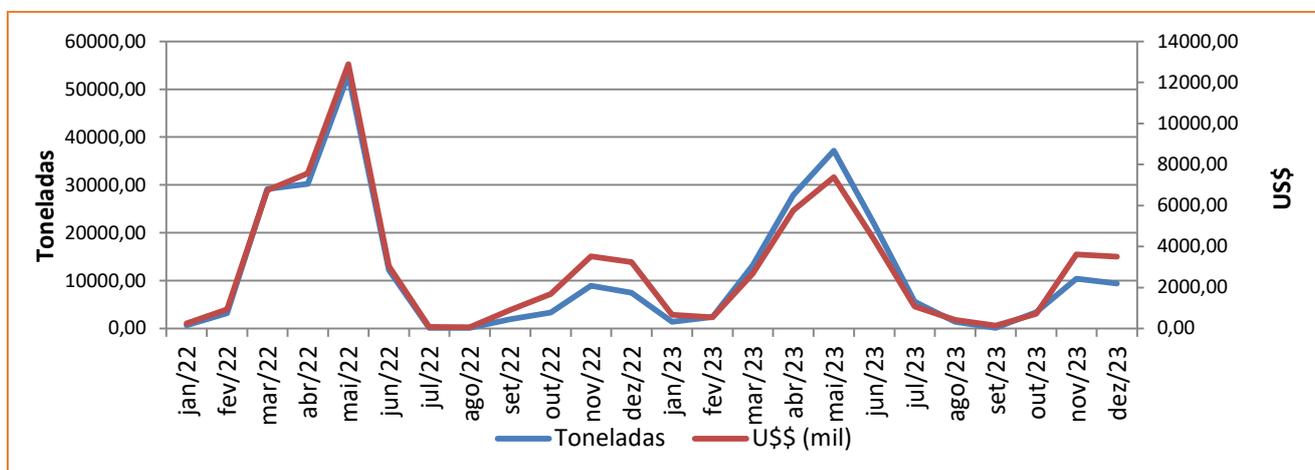


Figura 2 - Cebola – Brasil: importação mensal - jan./2022 a dez./2023

Fonte: ComexStat/MDICS (jan./2024).

Quanto aos países fornecedores, a Argentina forneceu 5,63 mil toneladas, equivalente a 59,74% da importação, os Países Baixos com 1,96 mil toneladas, 20,79%, a Espanha com 1,48 mil toneladas, 15,75% e Peru 351 toneladas equivalentes a 3,72% do total importado pelo país. (Figura 3).

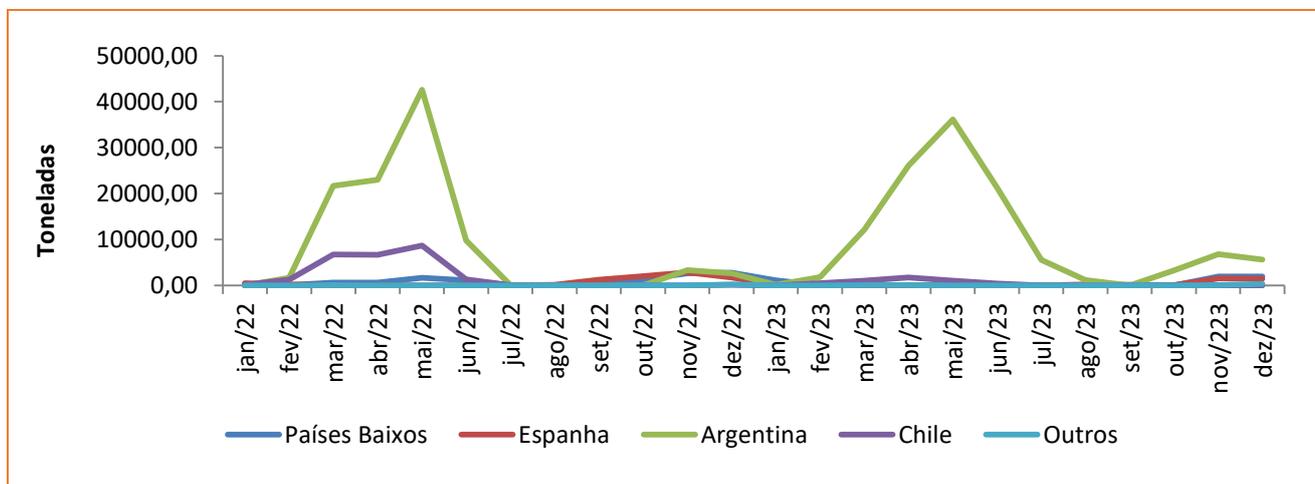


Figura 3 - Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores (t) – jan./2022 a dez./2023.

Fonte: ComexStat/MDICS (jan./2024).

De acordo com o acompanhamento sistemático de safras da Epagri/Cepa, a safra de cebola catarinense 2023/24 foi afetada significativamente na quantidade produzida e na qualidade dos bulbos. A produção estimada apresentada nesta edição refere-se à produção na roça e obviamente a produção líquida destinada ao mercado pode ser menor em função de possíveis perdas no processo de cura, seleção e acondicionamento da produção. A quantificação das perdas pós-colheita deve ser conhecida após o final da comercialização da safra.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços do frango vivo apresentaram movimentos distintos nos dois principais estados produtores ao longo de 2023. No Paraná, o 1º semestre foi caracterizado por tendência de queda, que se acentuou entre maio e julho. Durante boa parte do 2º semestre, por outro lado, predominou a estabilidade, não obstante o movimento de alta observado nos dois últimos meses do ano. Já em Santa Catarina, o 1º semestre foi marcado por altas constantes, embora pouco expressivas, enquanto no início do 2º semestre foram observadas quedas importantes, com posterior estabilização.

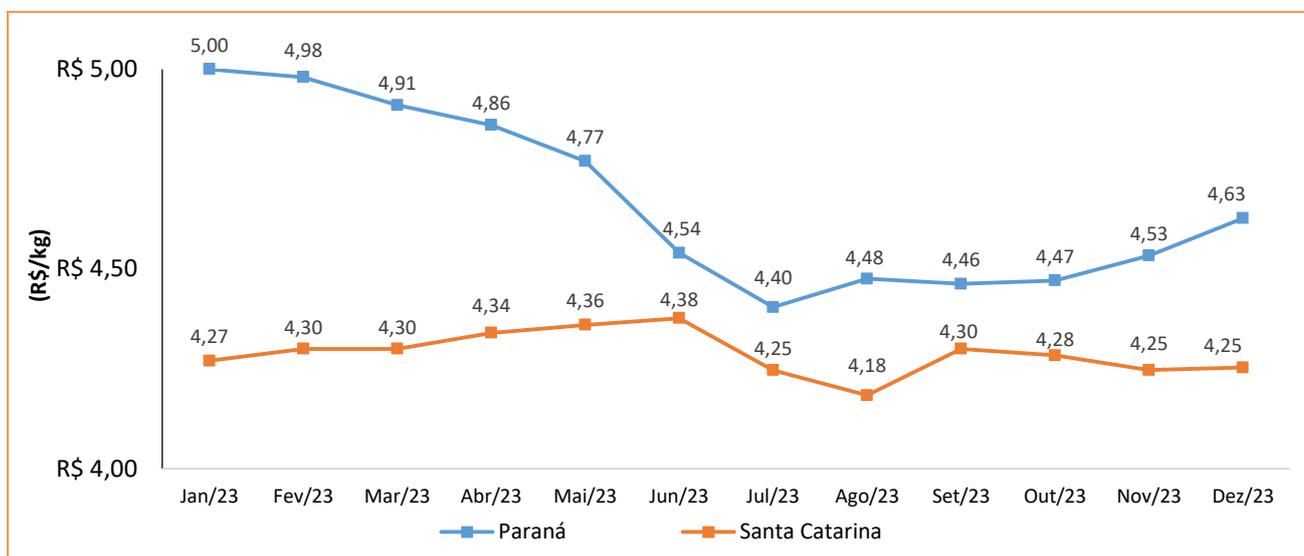


Figura 1 - Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores* (R\$/kg)

* Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR); IEA (SP).

O preço do frango vivo no Paraná acumulou queda de 10,2% no ano passado, enquanto em Santa Catarina registrou-se alta de 1,1% no mesmo período. É preciso levar em consideração que os índices mencionados anteriormente dizem respeito aos preços nominais e que a inflação acumulada em 2023 foi de 4,6%, segundo o IPCA/IBGE, o que significa que, em termos de preços reais, o movimento foi de queda nos dois estados.

Embora o preço do frango vivo em Santa Catarina tenha subido ao longo do 1º semestre de 2023, os preços de atacado mostraram comportamento distinto, conforme evidencia a figura 2. Entre janeiro e julho, predominaram movimentos de queda em todos os cortes analisados. É somente a partir de agosto que as coisas mudam, com a prevalência de um cenário de estabilidade e leves altas no restante do ano. Ainda assim, no acumulado do ano registra-se variação de -25,2% no preço médio de atacado da carne de frango, o que favoreceu significativamente o consumo desse produto e ajudou a viabilizar o aumento na produção verificado no ano, como veremos posteriormente.

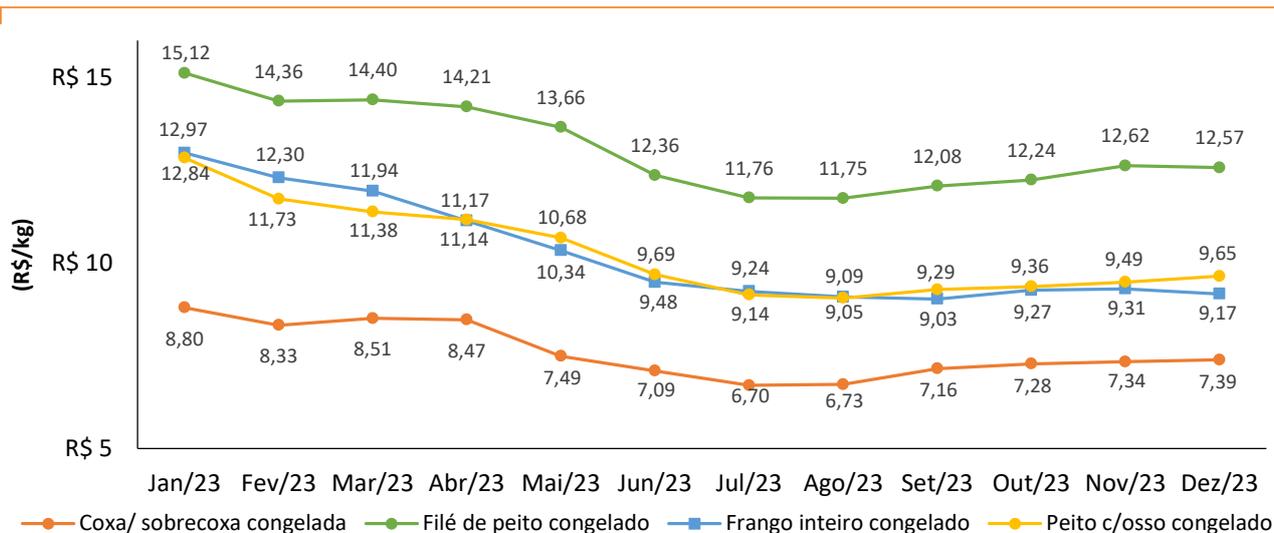


Figura 2 - Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços dos últimos meses de 2023 foram afetados pela redução na oferta de carne e pela maior procura por esse tipo de produto, que caracteriza o período, o que gerou uma pressão de alta e levou às variações positivas observadas na maioria dos cortes nesse período.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de frangos em aviário climatizado positivo em Santa Catarina foi de R\$ 4,61/kg de peso vivo em dezembro. No ano, acumulou-se queda de 15,8%.

A relação de troca insumo-produto apresentou predomínio de quedas no 1º semestre de 2023, decorrentes, principalmente, da expressiva redução no preço do milho observada a partir de março. Já no 2º semestre, o indicador registrou altas consecutivas, acompanhando o novo ciclo de valorização do preço do milho, especialmente em função do ritmo acelerado das exportações e da preocupação crescente com a safra de 2024. O valor de dezembro de 2023 foi 12,0% inferior ao do mesmo período do ano anterior.

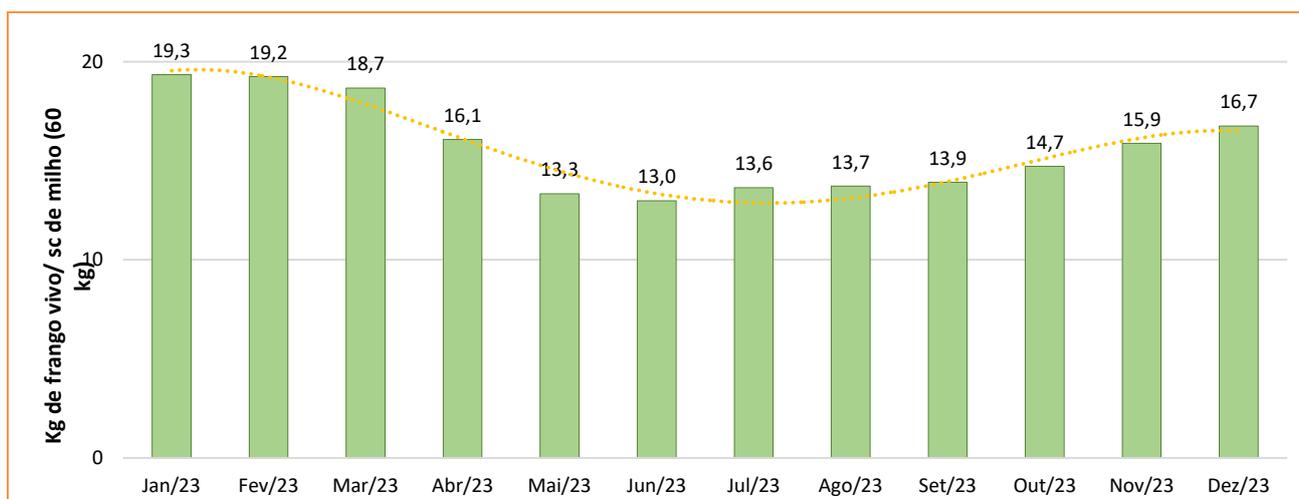


Figura 3 - Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60 kg) de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utilizam-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na região Oeste.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em 2023, o Brasil exportou 5,00 milhões de toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), alta de 7,7% em relação às exportações do ano anterior. As receitas foram de US\$ 9,62 bilhões, alta de 1,1% em relação a 2022. Esses são os melhores resultados já registrados pelo país desde o início da série histórica, em 1997, tanto em quantidade, quanto em receitas.

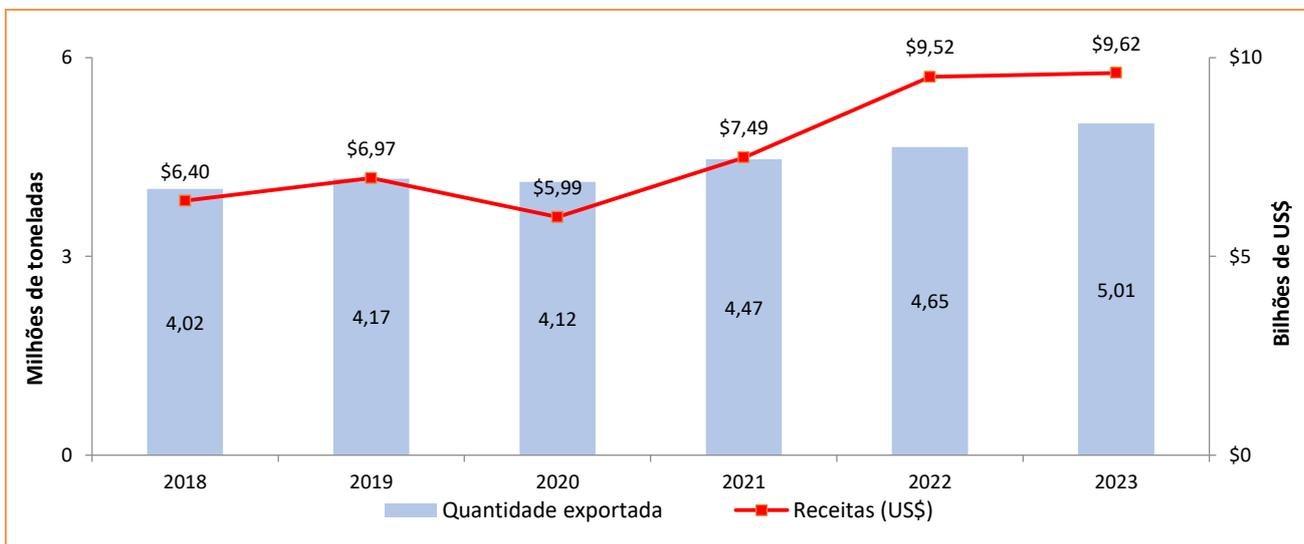


Figura 4 - Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Vale destacar que dezembro de 2023 foi o segundo melhor resultado mensal em termos de quantidade desde o início da série histórica, atrás apenas de março do mesmo ano.

A ocorrência de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) em importantes países produtores tem favorecido o Brasil, já que até o momento não se registrou nenhum caso dessa doença em granjas comerciais brasileiras, o que amplia as possibilidades de exportação do País.

Santa Catarina, por sua vez, exportou 1,10 milhão de toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada) em 2023 – alta de 8,6% em relação às exportações do ano anterior. As receitas foram de US\$ 2,29 bilhões – alta de 4,1% em relação às do ano anterior.

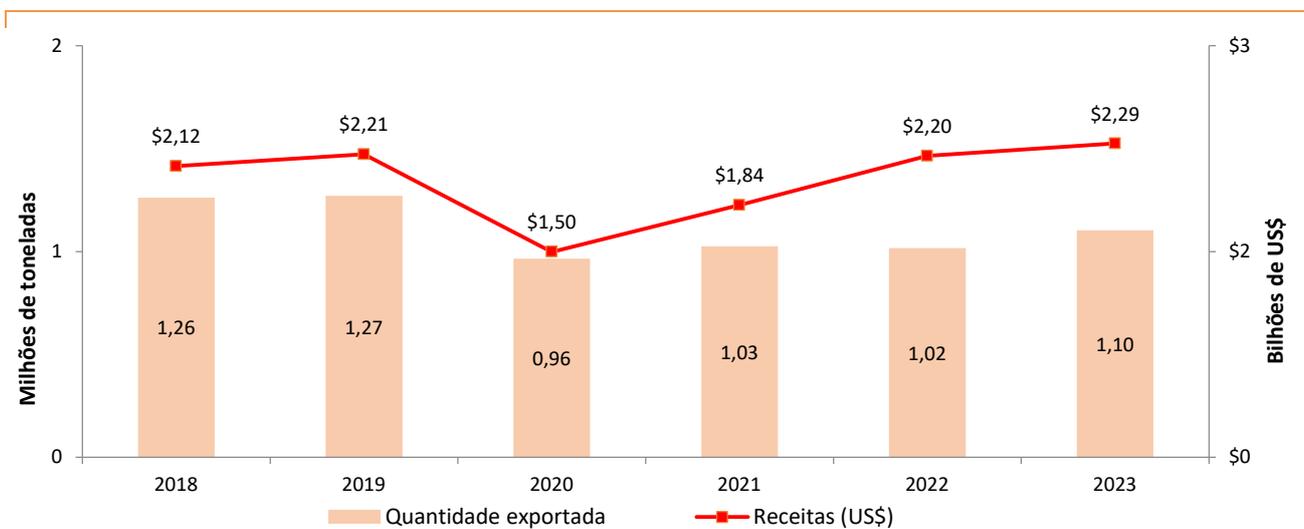


Figura 5 - Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Em termos de receitas, no ano passado o estado registrou seu segundo melhor resultado de toda a série histórica, atrás apenas de 2011. No que diz respeito à quantidade, o montante exportado em 2023 é o terceiro melhor já registrado, somente menor dos embarques realizados em 2018 e 2019.

Santa Catarina foi responsável por 23,8% das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango em 2023.

Os resultados do período são decorrentes do crescimento dos embarques para a maioria dos principais destinos, com destaque para a China (alta de 35,0% em quantidade e 22,1% em receitas, na comparação com 2022), Arábia Saudita (altas de 19,2% em quantidade e 16,7% em receitas) e Países Baixos (altas de 5,7% em quantidade e 12,6% em receitas).

Esse resultado impressionante chama a atenção, principalmente levando em consideração o fato do Japão, que até junho do ano passado era o principal destino da carne de frango catarinense, ter suspenso as importações do produto oriundas do estado por mais de um mês após a detecção de um caso de influenza aviária em ave de subsistência no sul de Santa Catarina. Mesmo após a retirada das sanções, os embarques para aquele país seguiram abaixo do normal nos meses subsequentes, o que fez com que se registrasse queda de 14,7% em quantidade e 16,7% em receitas, na comparação entre 2023 e o ano anterior. Atualmente, o Japão ocupa a 2ª colocação do ranking de exportações de carne de frango de Santa Catarina.

Vale destacar ainda a importância da Ásia para a avicultura catarinense: do volume total de carne de frango exportada por Santa Catarina em 2023, quase 2/3 (66,1%) destinaram-se àquele continente.

A tabela 1 apresenta os principais destinos das exportações catarinenses de carne de frango no ano passado.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 2023

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	277.547.331,00	129.336
Japão	261.886.728,00	118.537
Arábia Saudita	260.488.926,00	117.922
Países Baixos (Holanda)	258.841.774,00	84.453
Emirados Árabes Unidos	185.382.344,00	85.808
Demais países	1.043.277.103,00	567.678
TOTAL	2.287.424.206,00	1.103.734

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Produção

Segundo os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados pela Epagri/Cepa e divulgados no Observatório Agro Catarinense, em 2023, o estado destinou ao abate um total de **865,9 milhões** de frangos, crescimento de 3,5% em relação à produção de 2022. Essa é a maior quantidade de frangos produzidos em Santa Catarina desde 2017.

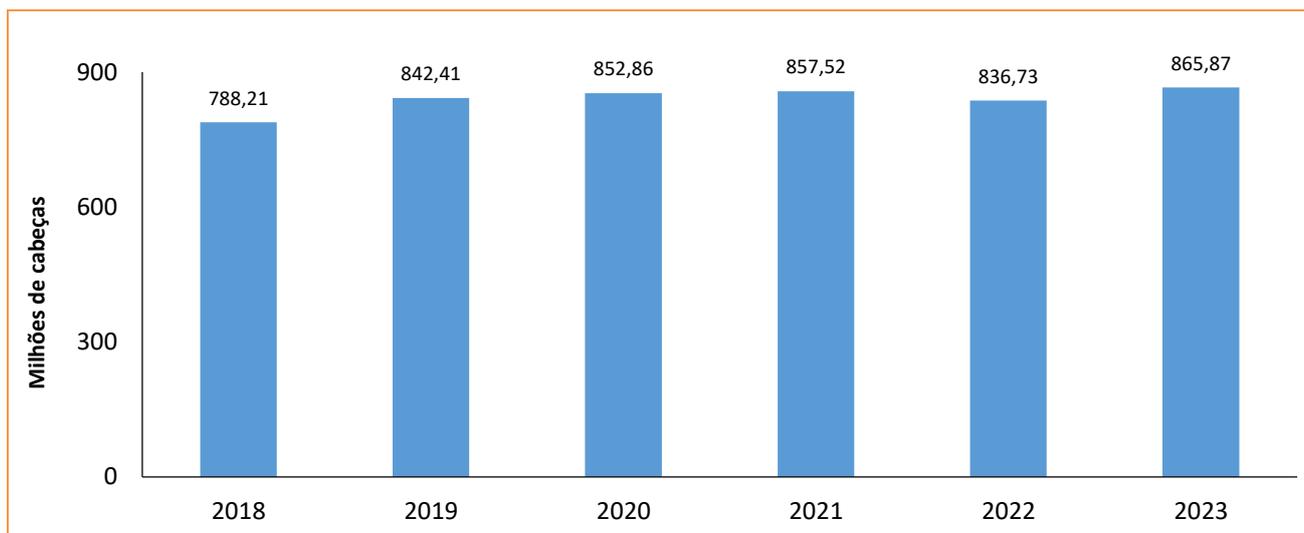


Figura 6 – Frangos – Santa Catarina: produção anual – 2018/2023

Fonte: Cidasc

Do total de animais abatidos no período, 97,2% foram em Santa Catarina; o restante, em abatedouros de outros estados.

Influenza aviária

Em maio de 2023, o Brasil registrou os primeiros casos de **influenza aviária** de alta patogenicidade (IAAP), doença que vinha afetando seriamente diversos outros países produtores nos anos anteriores. No total, foram registrados **151 focos de IAAP** no Brasil, em oito diferentes estados (Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul). Desse total, **21 casos foram registrados em Santa Catarina** (13,9% do total do País). Vale destacar que nenhum caso em aves comerciais foi registrado no Brasil até o momento.

Perspectivas para 2024

A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) projeta crescimento de 3,6% na produção brasileira de carne de frango em 2024. Também é esperada elevação na exportação, com perspectiva de até 3,9% de alta em relação ao registrado em 2023.

O Rabobank possui projeções um pouco menores, mas ainda bastante positivas, para a avicultura neste ano. O banco estima alta de 2,5% na produção de carne de frango brasileira, com crescimento de 3,5% nas exportações.

Embora o cenário seja favorável, algumas condicionantes precisam ser levadas em consideração, pois podem alterar o panorama. Além do desempenho da economia brasileira, as perspectivas de crescimento da avicultura estão condicionadas à ausência de casos de IAAP em granjas comerciais no Brasil. O eventual surgimento da doença em criações comerciais poderia afetar não apenas as exportações, mas a própria produção nacional. Segundo o Rabobank, os acordos de regionalização celebrados com os principais importadores de carne de frango brasileira reduzem riscos de um cenário de excesso de oferta no mercado doméstico em caso de focos da doença em granjas comerciais, pois estabelecem que somente serão bloqueadas as exportações oriundas da região afetada e não do estado todo ou do país.

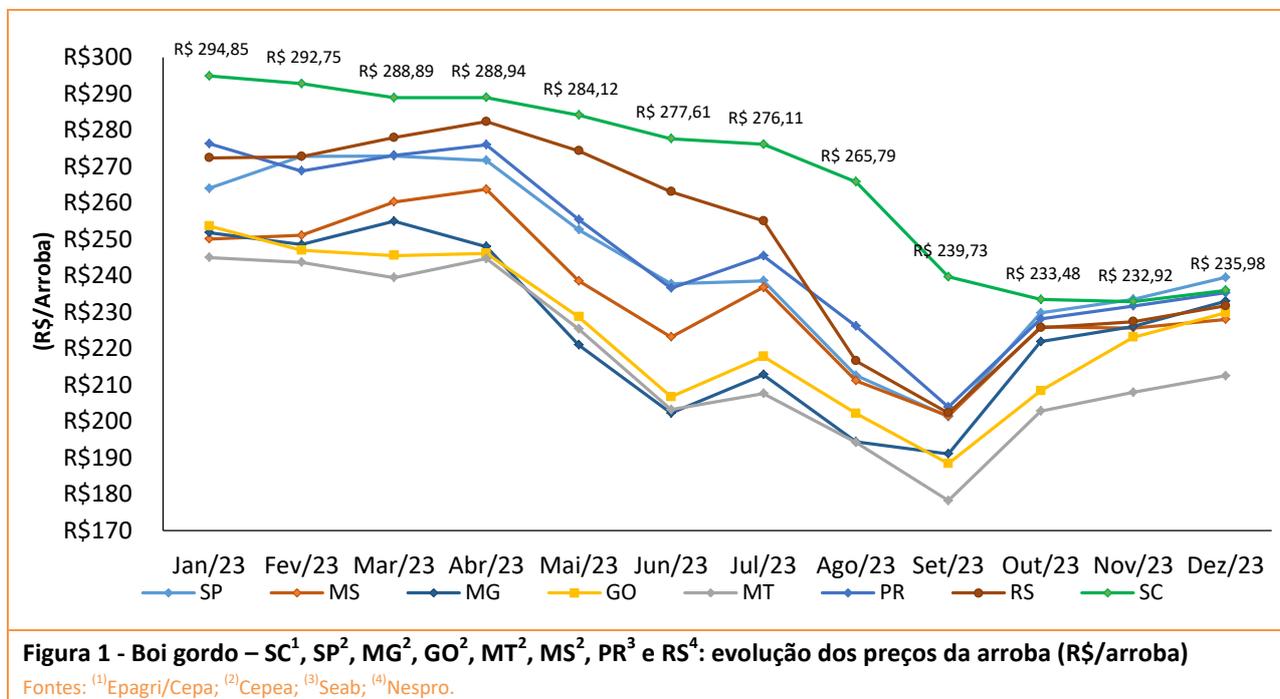
Outra preocupação para o setor são os custos de produção que, embora tenham registrado quedas expressivas no 1º semestre do ano passado, voltaram a crescer nos últimos meses. Contudo, não obstante a recente tendência de alta, os preços não devem atingir os patamares observados no final de 2022 e início de 2023, devendo se manter em níveis intermediários.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de atingirem altas históricas em 2022, os preços do boi gordo começaram o ano de 2023 em queda na maioria dos estados, principalmente a partir de abril. Esse movimento manteve-se até setembro, quando se observou uma inversão nessa tendência. Apesar da predominância de altas no último trimestre, todos os estados analisados registraram quedas quando se consideram as variações acumuladas ao longo do ano: -22,8% em Santa Catarina; -16,9% no Rio Grande do Sul; -15,4% no Paraná; -13,6% em Goiás; -13,1% no Mato Grosso; -11,8% em São Paulo; -10,9% em Minas Gerais e -10,1% no Mato Grosso do Sul. As variações dizem respeito aos valores nominais, sendo necessário considerar a inflação do período. Segundo o IPCA/IBGE, a inflação acumulada em 2023 foi de 4,6%, significando que, em valores corrigidos, variações negativas ainda mais acentuadas são observadas em todos os estados.



Santa Catarina apresentou tendência semelhante aos demais estados analisados, embora com variações menos acentuadas, como é possível verificar na figura 1. Quando se levam em consideração as regiões de referência⁴, observam-se comportamentos semelhantes àqueles mencionados anteriormente. Na região Oeste, contudo, se registrou dinâmica um pouco distinta, com continuidade do movimento de queda nos preços ao longo dos últimos meses de 2023. Com isso, a região Oeste registrou queda acumulada de 26,4% ao longo do ano passado, enquanto no Planalto Sul a queda no mesmo período foi de 15,4%.

⁴ As antigas praças de referência foram substituídas por regiões de referência. As praças de Chapecó e Lages, por exemplo, passaram a ser denominadas região Oeste e região Planalto Sul, respectivamente.

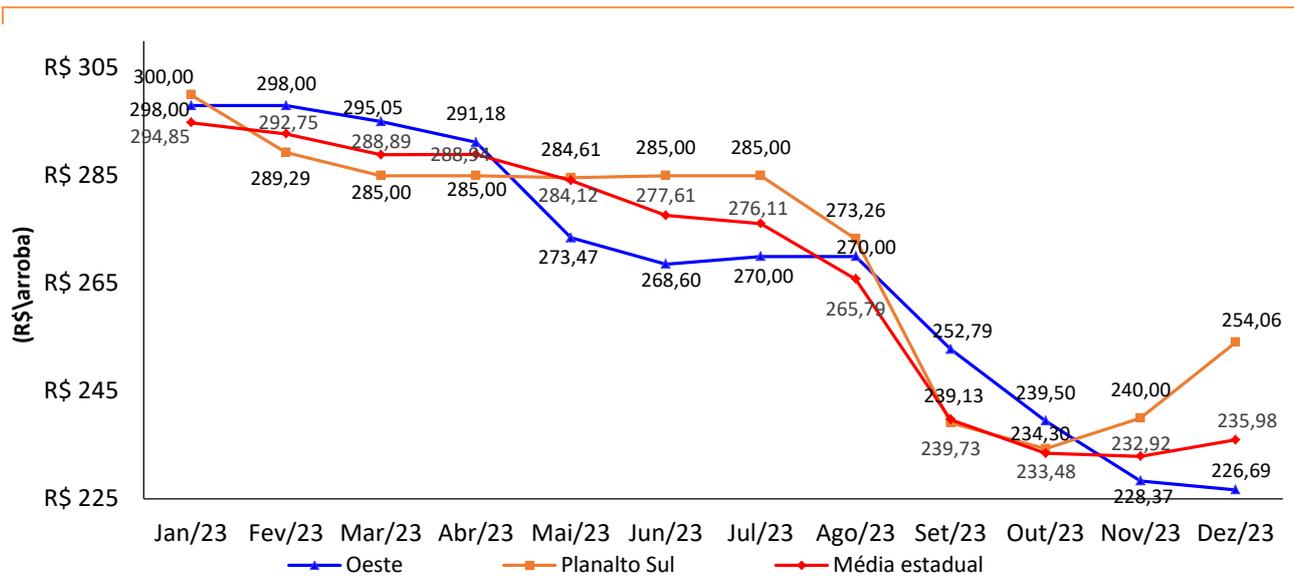


Figura 2 - Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne bovina voltaram a apresentaram tendência de queda ao longo de 2023, embora perceba-se relativa estabilidade no último quadrimestre. No ano, a carne de dianteiro acumulou queda de 22,5%, enquanto a carne de traseiro apresentou queda menos expressiva de 12,4%. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de -17,5%.

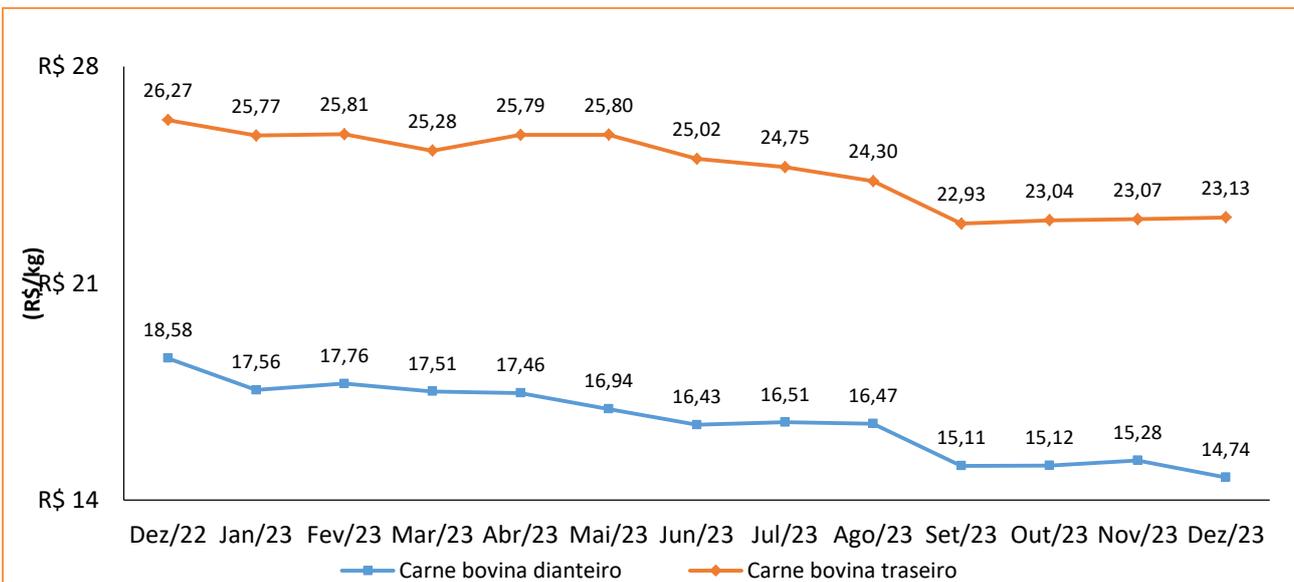


Figura 3 - Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentaram tendência de queda ao longo de 2023, com relativa estabilidade no último quadrimestre. Em termos cumulativos, os preços dos bezerros de até 1 ano registraram queda de 10,2%, enquanto os dos novilhos de 1 a 2 anos apresentaram queda de 15,6% no mesmo período.

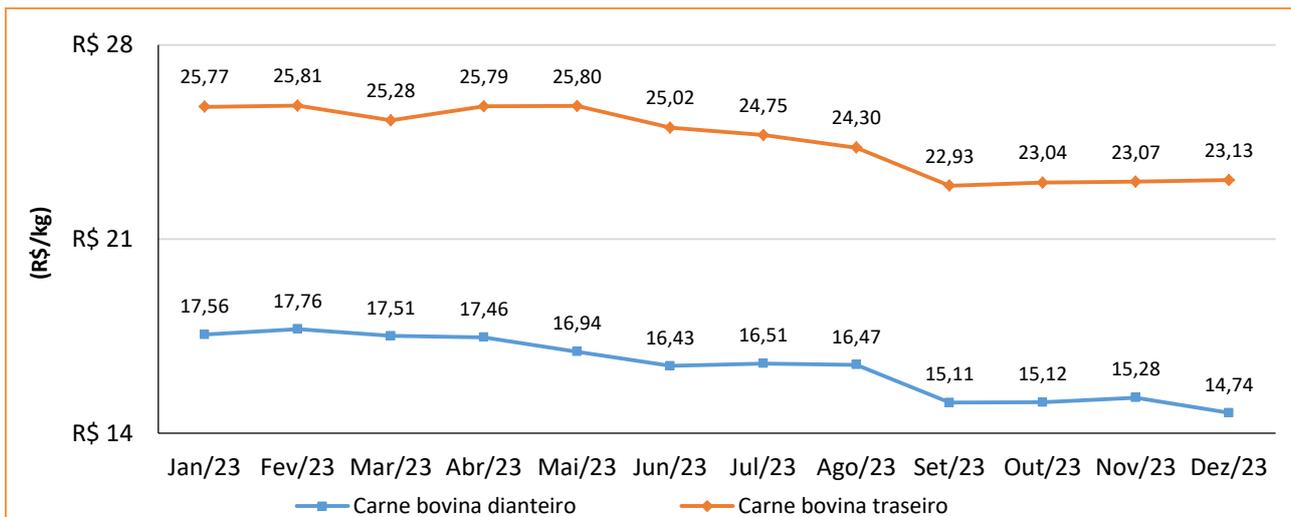


Figura 4 - Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em 2023, o Brasil exportou 2,29 milhões de toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta 1,2% em relação ao ano anterior. Essa é a maior quantidade de carne bovina exportada pelo País desde o início da série histórica, em 1997. As receitas foram de US\$ 10,54 bilhões, queda de 18,7% na comparação com 2022. Apesar dessa expressiva variação negativa, as receitas de 2023 representam o segundo melhor resultado anual de toda a série histórica, atrás apenas de 2022.

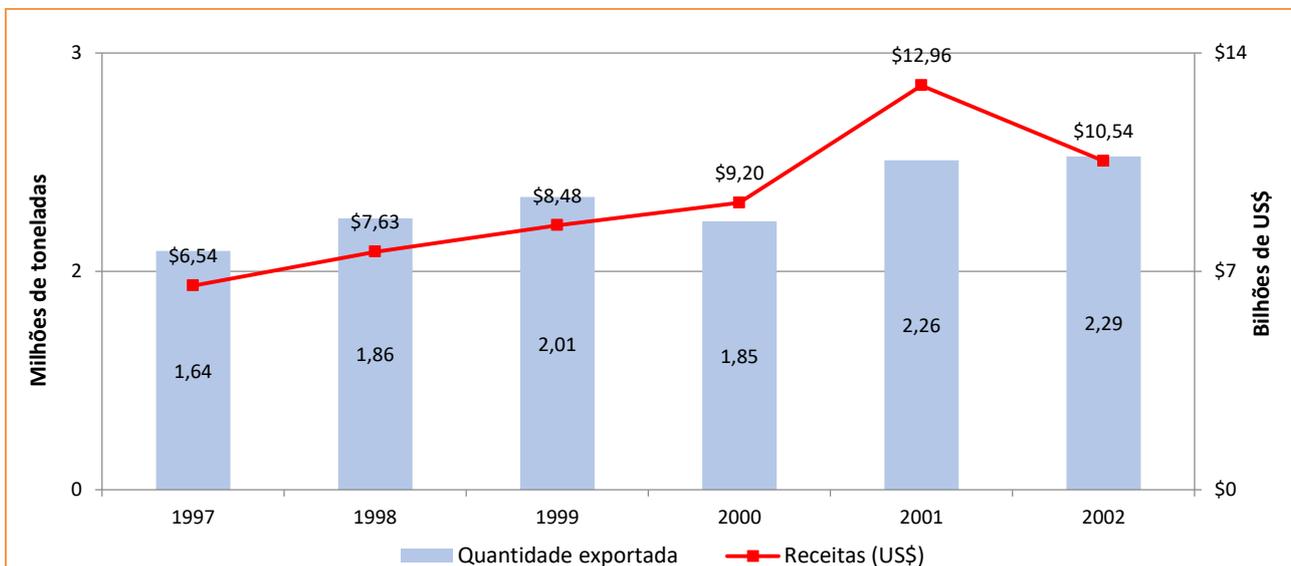


Figura 5 - Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Santa Catarina, por sua vez, exportou somente 1,0 mil toneladas de carne bovina em 2023, com faturamento de US\$ 3,7 milhões, quedas de 47,1% e de 53,1%, respectivamente, em relação ao ano anterior. Esse é o menor volume de exportação de carne bovina do estado desde 2002.

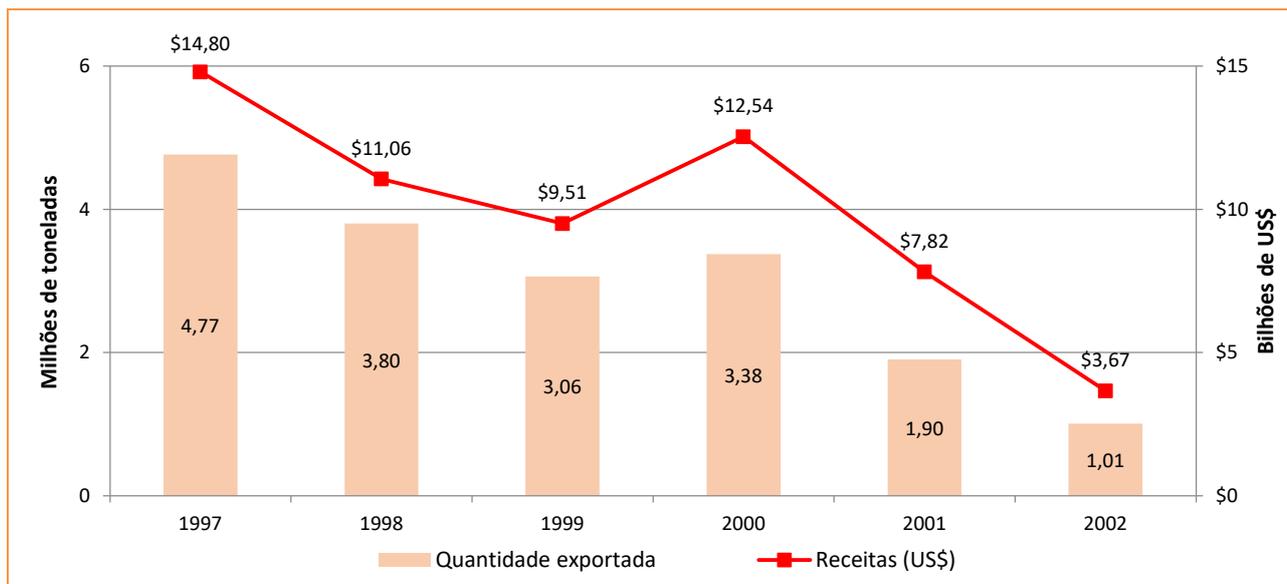


Figura 6 - Carne bovina – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Produção

Segundo os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados pela Epagri/Cepa e divulgados no Observatório Agro Catarinense, em 2023, foram produzidos e abatidos no estado um total de **614,7 mil** cabeças, queda de 3,6% em relação à produção de 2022. Essa quantidade refere-se somente aos animais abatidos em estabelecimentos inspecionados.

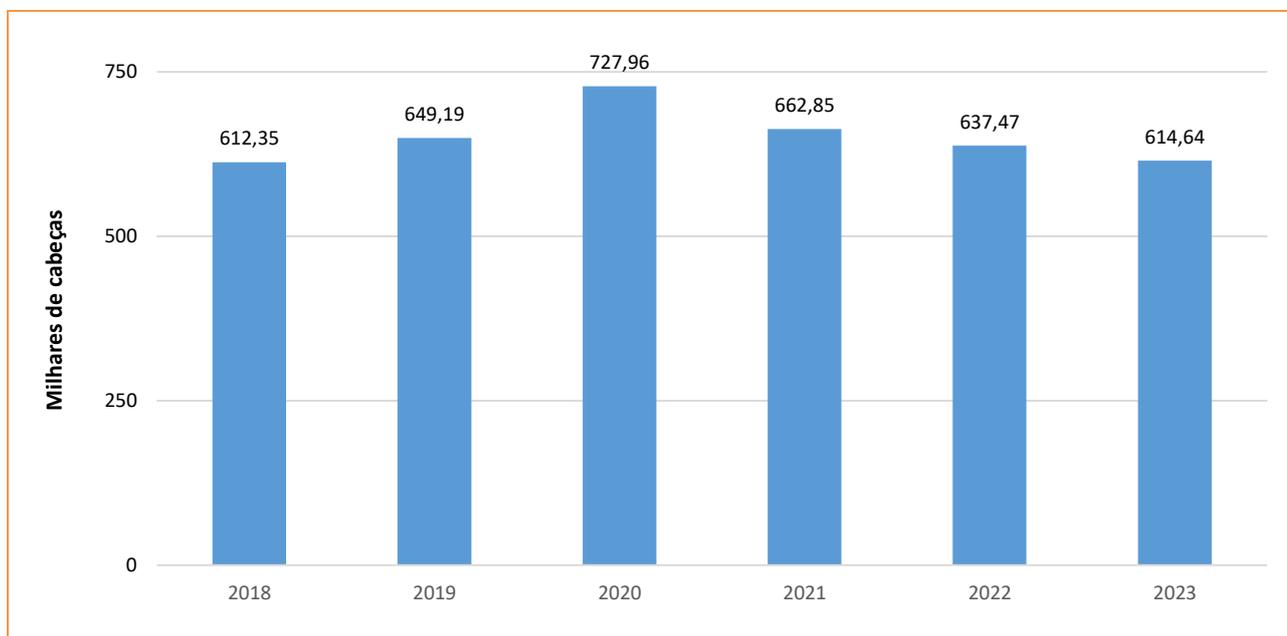


Figura 7 – Bovinos – Santa Catarina: produção anual – 2018/2023

Fonte: Cidasc.

Perspectivas para 2024

De acordo com projeções divulgadas em outubro do ano passado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção brasileira de carne bovina deve crescer cerca de 2,6% em 2024. O USDA projeta crescimento ainda mais expressivo para as exportações brasileiras, podendo atingir 3,6%,

principalmente em razão do crescimento da demanda chinesa e da redução na produção dos Estados Unidos, maior produtor mundial.

Além de aumento do volume, o Rabobank aponta que também existe a expectativa de que os importadores chineses paguem um pouco mais pela tonelada do produto. Não obstante, o banco afirma que os exportadores não devem esperar que os valores retornem ao patamar do período entre 2021 e 2022, quando a tonelada passou de US\$ 7 mil, mas que há potencial para superar os US\$ 5 mil pagos atualmente por tonelada.

A elevada oferta de animais deve manter a produção brasileira elevada ao longo deste ano. Por outro lado, a redução nos preços observada em 2023 tem provocado um maior volume de abate de fêmeas, conforme demonstram os dados preliminares divulgados pelo IBGE. Com isso, deve ocorrer uma redução na oferta de bezerras e novilhos a partir do final deste ano e, especialmente, em 2025, o que tende a estimular a retomada do ciclo de alta nos preços do boi gordo.

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o ano de 2024 deve ser marcado pela estabilidade na produção e oferta de carne bovina. Contudo, conforme análise do Rabobank, a falta de chuvas em algumas regiões do país, em especial no Norte e no Centro Oeste, relacionada ao *El Niño* mais severo que o costume, deve afetar as pastagens e diminuir o potencial de engorda dos bovinos, impactando a oferta, em especial no 1º trimestre de 2024.

Suínocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços dos suínos vivos iniciaram 2023 com altas expressivas nos principais estados produtores, dando continuidade à tendência predominante no ano anterior. Contudo, logo se seguiu um período de quedas relevantes, que perdurou até junho. O 2º semestre foi marcado por uma relativa estabilidade, com leve tendência de alta. As variações positivas durante a segunda metade do ano passado, no entanto, não foram suficientes para recuperar o 1º semestre ruim, o que levou a resultados negativos em todos os estados, quando se considera as variações mensais acumuladas: -5,2% em São Paulo; -5,0% em Santa Catarina; -4,6% no Rio Grande do Sul; -1,9% em Minas Gerais e -0,7% no Paraná.

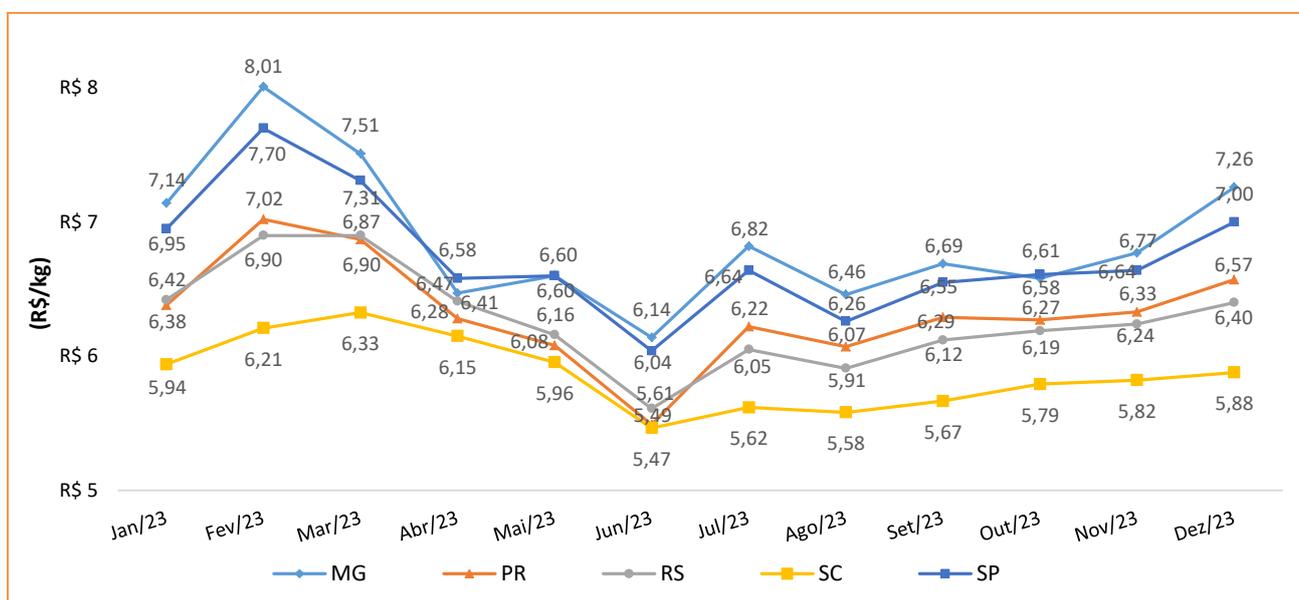


Figura 1 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Na região Oeste⁵ de Santa Catarina, praça de referência para essa atividade, os preços do suíno vivo apresentaram tendências semelhantes àquelas observadas em âmbito estadual, embora com oscilações mais expressivas. As variações mensais acumuladas demonstram quedas de 10,1% nos preços pagos aos produtores independentes e de 6,0% para os integrados.

⁵ As antigas praças de referência foram substituídas por regiões de referência. A praça de Chapecó, por exemplo, passou a ser denominada região Oeste.

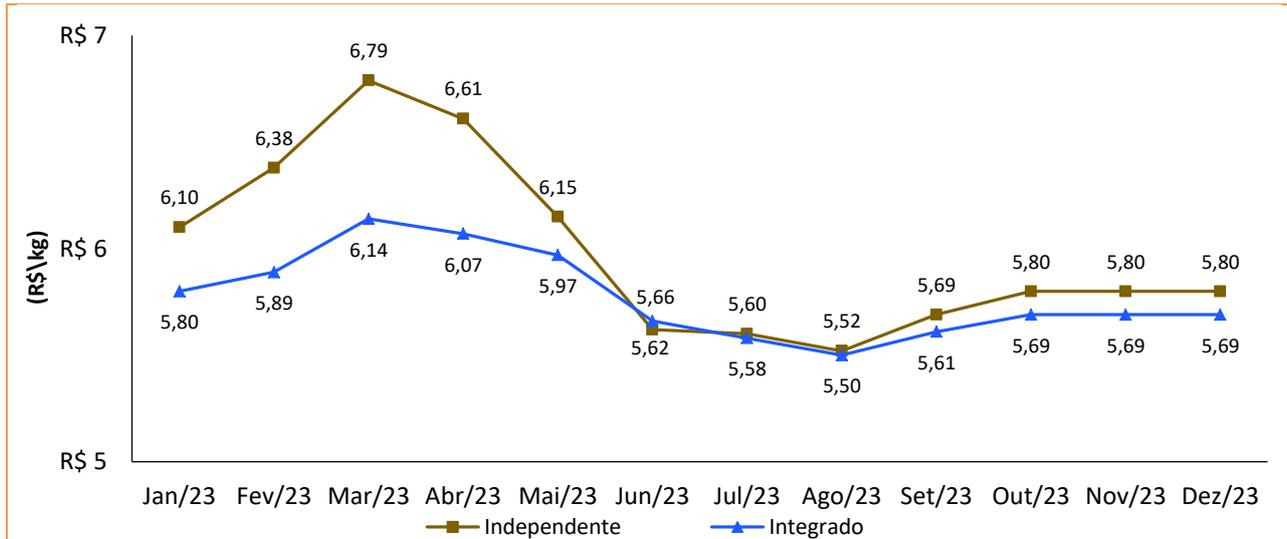


Figura 2 - Suíno vivo – Região Oeste/SC: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado

Fonte: Epagri/Cepa.

A grande oferta de animais para abate e a desaceleração no ritmo das exportações ao longo do 1º semestre são fatores que contribuíram para pressionar os preços nesse período. No 2º semestre, com o crescimento dos embarques e a gradativa redução no ritmo dos abates, os preços do suíno vivo voltaram a subir.

No mercado atacadista, os preços da carne suína apresentavam diversas oscilações ao longo de 2022, com momentos de alta e de baixa se alternando. A análise das variações mensais acumuladas indica que prevaleceram os movimentos de queda, com -5,5% na média dos cinco cortes acompanhados, variando de -1,5%, no caso do lombo, até -12,7%, no caso do pernil. Vale destacar que essas variações dizem respeito aos valores nominais, sendo necessário considerar a inflação do período - 4,6%, segundo o IPCA/IBGE.

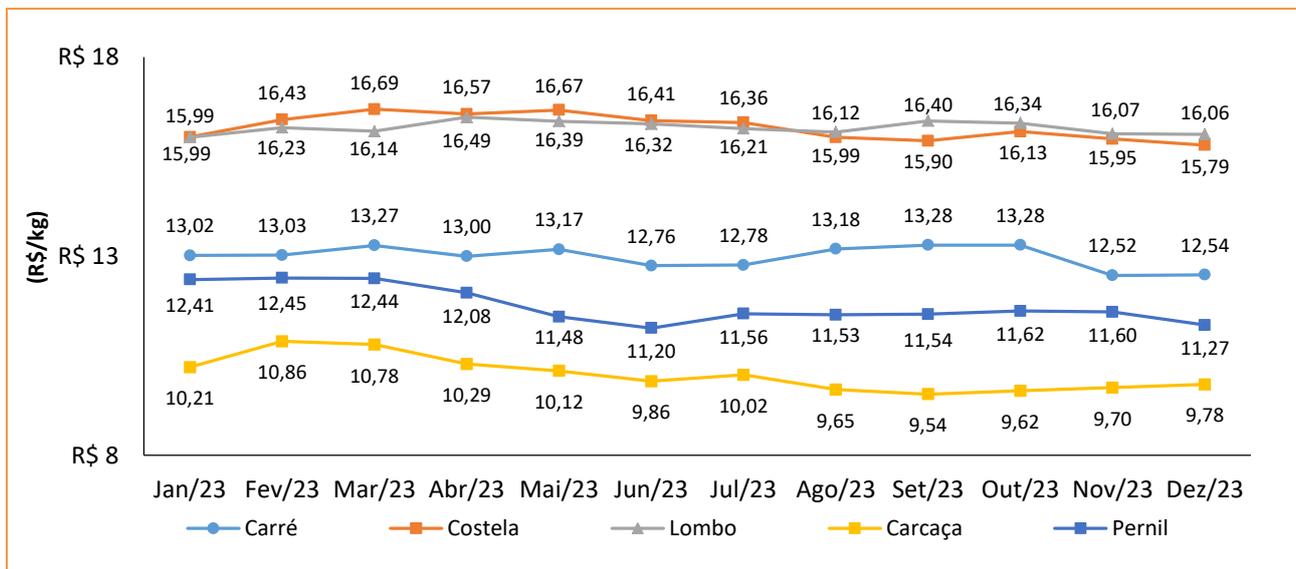


Figura 3 - Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi, em dezembro, de R\$ 6,20/kg de peso vivo. Apesar da tendência de alta no último bimestre, no ano acumulou-se queda de 10,9%.

Os preços dos leitões seguiram as tendências observadas nos preços do suíno vivo ao longo do ano passado, começando o ano com movimentos de alta, seguidos por quedas expressivas no 2º quadrimestre e posterior recuperação parcial no último quadrimestre. Apesar das elevações de preços em fins de 2023, as variações acumuladas no ano apontam quedas consideráveis: -7,0% para os leitões de 6 kg a 10 kg e -5,6% para os leitões de aproximadamente 22 kg.

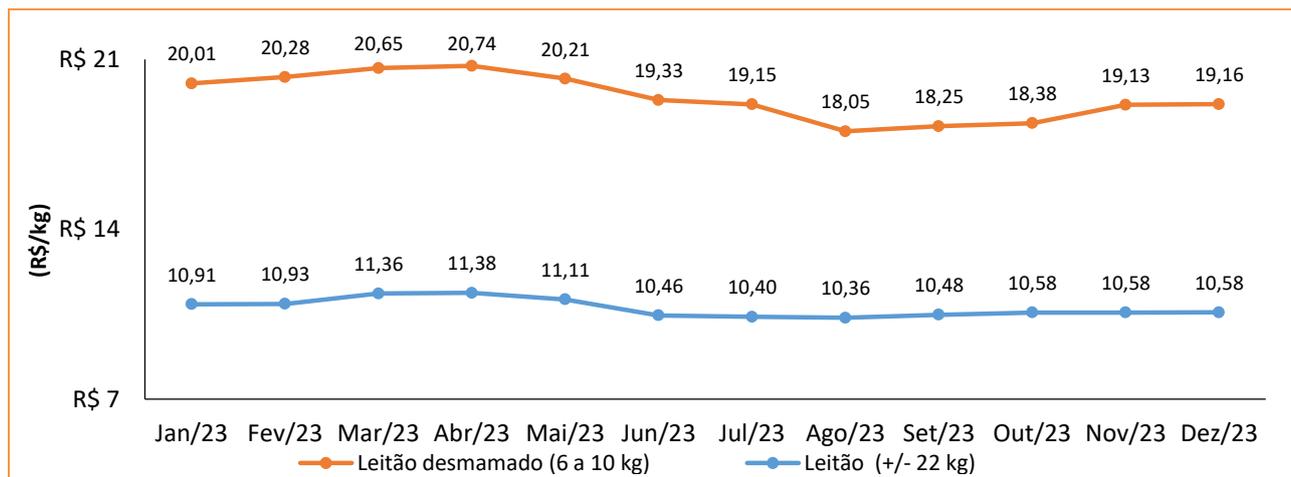


Figura 4 - Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de troca insumo-produto apresentou predomínio de quedas no 1º semestre de 2023, decorrentes, principalmente, da expressiva redução do preço do milho observada nesse período. Já no 2º semestre, o índice registrou preponderância de altas, acompanhando o novo ciclo de valorização do preço do milho, em função do ritmo acelerado das exportações e da preocupação crescente com a safra de 2024. O valor de dezembro de 2023 foi 14,3% inferior ao do mesmo período do ano anterior.

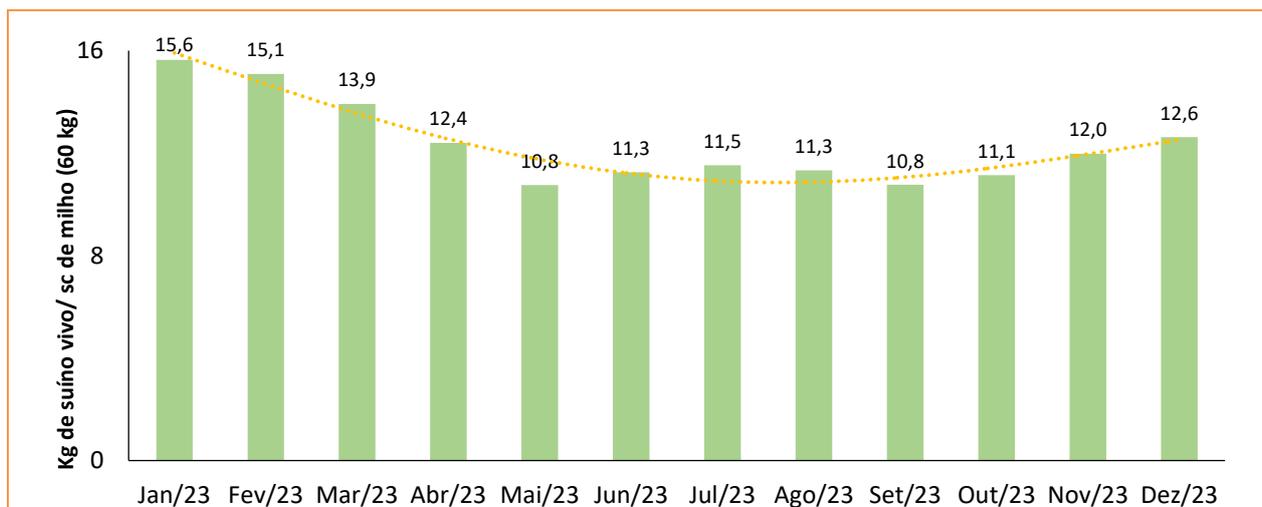


Figura 5 - Suíno vivo – Região Oeste/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60 kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço ao produtor independente e ao produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços de Chapecó/SC.

Fonte: Epagri/Cepa.

O setor suínico vivenciou uma expressiva recuperação em 2023, impulsionado por custos de produção mais baixos e um aumento nas exportações de carne, após um longo período de prejuízos e margens negativas nos anos anteriores.

Comércio exterior

Em 2023, o Brasil exportou 1,20 milhão de toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de 9,2% em relação às exportações do ano anterior. As receitas foram de US\$ 2,79 bilhões, crescimento de 9,6% na comparação com o valor de 2022. Esses são os melhores resultados de toda a série histórica, iniciada em 1977, tanto em quantidade quanto em valor.

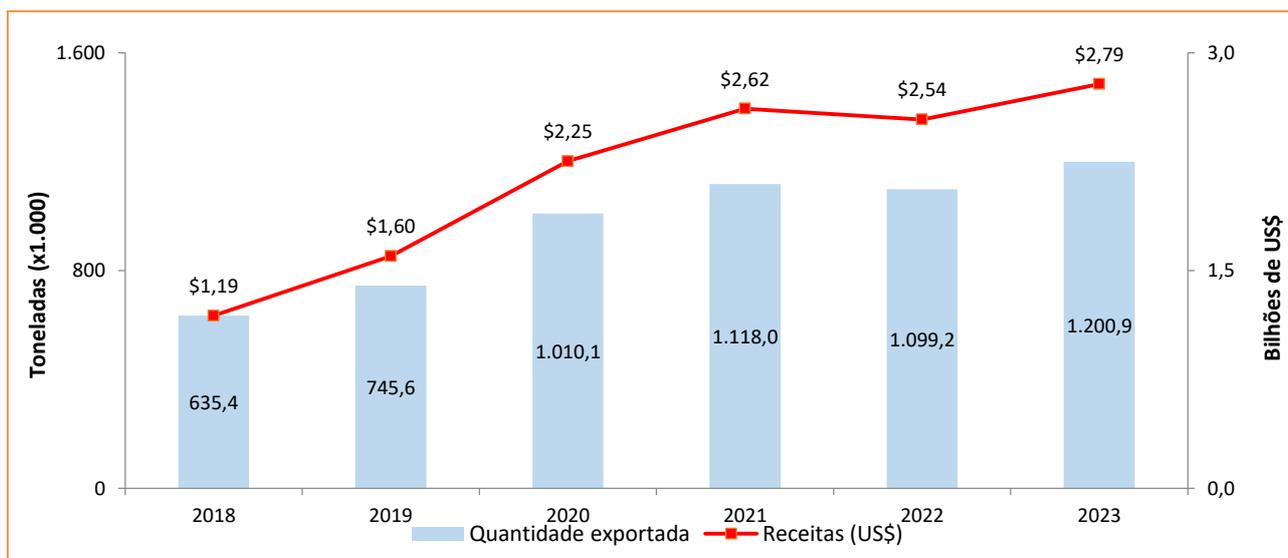


Figura 6 - Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Santa Catarina, por sua vez, exportou 658,2 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em 2023, alta de 9,3% em relação ao ano anterior. As receitas foram de US\$ 1,87 bilhão, crescimento de 9,7% na comparação com as de 2022. Estes são os melhores resultados registrados desde o início da série histórica.

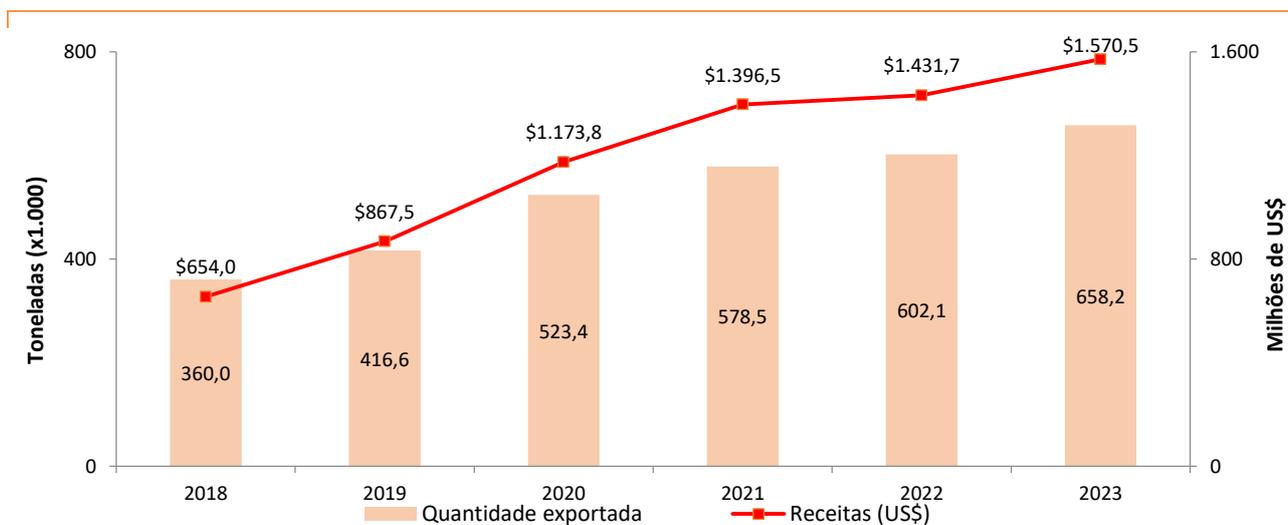


Figura 7 - Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses foram responsáveis por 78,1% das receitas das exportações de 2023.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 2023

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	542.607.796,00	233.224
Filipinas	285.362.965,00	119.277
Chile	194.580.107,00	86.292
Japão	134.606.000,00	40.317
México	70.184.437,00	28.368
Demais países	343.155.760,00	150.700
TOTAL	1.570.497.065,00	658.178

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Os resultados positivos desse período devem-se ao crescimento dos embarques para a maioria dos principais compradores, em especial as Filipinas (altas de 50,7% em quantidade e de 57,4% em receitas), o Chile (43,3% e 42,8%) e o Japão (47,0% e 30,2%). A China, por sua vez, reduziu suas aquisições de carne suína do estado (-21,4% em quantidade e -22,6% em receitas), principalmente em razão da recuperação da suinocultura chinesa, após vários anos de efeitos adversos da peste suína africana, que atingiu aquele país a partir de 2018. Apesar dessa queda, os chineses responderam por 34,6% das exportações catarinenses de carne suína de 2023, sendo o principal destino do produto.

Produção

Segundo os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados pela Epagri/Cepa e divulgados no Observatório Agro Catarinense, em 2023 foram produzidos e destinados ao abate um total de **17,86 milhões** de suínos⁶, crescimento de 2,1% em relação à produção de 2022. Essa é a maior quantidade de suínos já produzida em Santa Catarina.

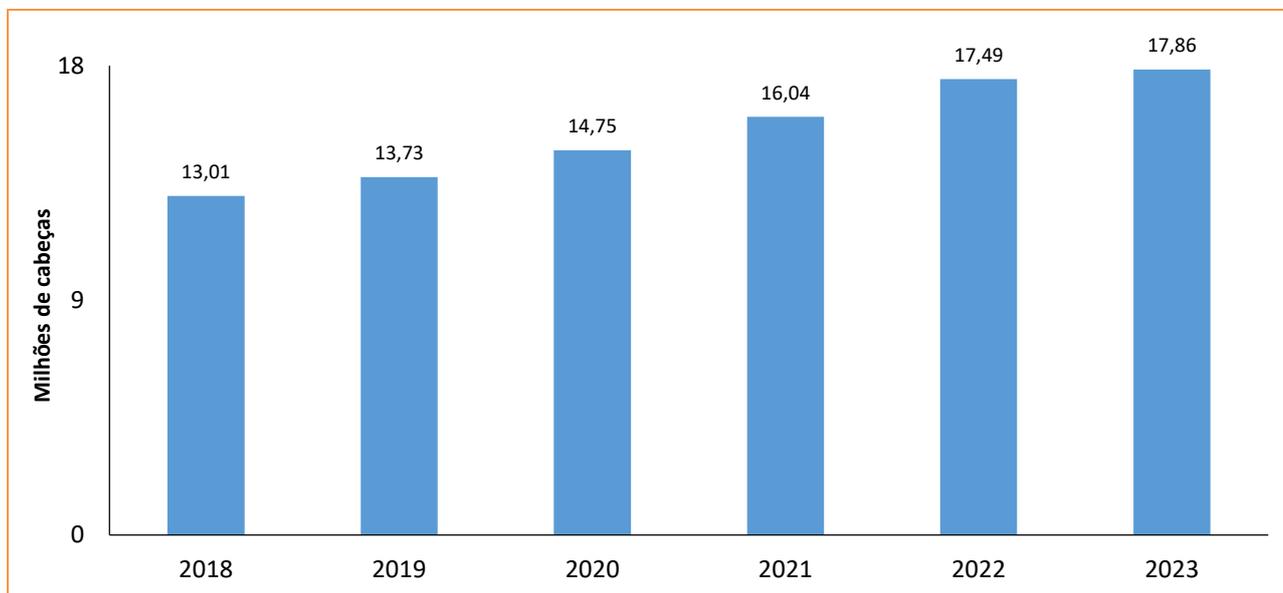


Figura 8 – Suínos – Santa Catarina: produção anual – 2018/2023

Fonte: Comex Stat.

⁶ Desse total, 90,7% foram abatidos em Santa Catarina, sendo o restante destinado a abatedouros localizados em outros estados.

Perspectivas para 2024

A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) estima que a produção brasileira de carne suína em 2024 deve crescer cerca de 1% em relação ao ano passado. As exportações, por sua vez, devem crescer até 6,6% em relação ao ano anterior.

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), por sua vez, projeta crescimento de 2,1% no volume produzido, atingindo-se o montante de 5,5 milhões de toneladas, e alta de 2,1% nas exportações de carne suína.

Um fator que pode afetar os resultados de 2024, no que diz respeito ao mercado externo, são as exportações para o México, suspensas desde meados de novembro em decorrência de uma decisão da justiça mexicana. O governo brasileiro, por meio do Ministério da Agricultura e Pecuária, vem atuando junto ao governo do México para que a medida seja derrubada e os embarques possam ser retomados. O México é o 3º principal importador de carne suína do mundo, constituindo-se num mercado de grande potencial para o Brasil.

A União Europeia, maior exportador mundial de carne suína, enfrenta problemas de produção em decorrência da elevação dos custos de produção causados, principalmente, pelo conflito entre Rússia e Ucrânia. A menor disponibilidade de grãos ucranianos e o aumento dos preços da energia diante da instabilidade no fornecimento do gás russo, são os principais fatores para essa nova realidade. Com isso, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) projeta para este ano uma queda de 1,6% na produção do bloco. Tal cenário tende a favorecer outros importantes players do mercado mundial, como é o caso do Brasil.

Ainda de acordo com o USDA, a China deve reduzir sua produção em aproximadamente 1% em 2024, devido à redução do plantel de matrizes observada em 2023. Com isso, as importações chinesas devem novamente registrar alta, embora fiquem longe dos patamares observados em 2020 e 2021. O aumento de restrições a países concorrentes, em especial em decorrência da detecção de casos de Peste Suína Africana, deve estimular a busca pela proteína do Brasil. O Rabobank projeta um crescimento de 8% a 10% nas importações chinesas em 2024, cenário bem mais favorável que aquele estimado pelo USDA, que prevê crescimento de aproximadamente 1%.

Embora 2023 tenha sido um ano favorável e as projeções para o corrente ano sejam positivas, os recentes aumentos nos custos de produção constituem-se em preocupação presente no horizonte. Contudo, diversos analistas do setor avaliam que os preços do milho e da soja, principais insumos das rações animais e responsáveis pelas elevações de custos nos últimos meses, não devem atingir os patamares observados no final de 2022 e início de 2023, devendo se manter em níveis intermediários.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção inspecionada

No dia 9 de fevereiro, o IBGE divulgará os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite, com a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil nos três meses do quarto trimestre de 2023. Projetando-se que nestes meses de 2023 as quantidades tenham sido 1% maior do que as dos mesmos meses de 2022, a quantidade de leite adquirida no Brasil em 2023 terá sido 1,7% maior do que a de 2022 (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas no Brasil

Mês	Bilhão de litros					Variação %
	2019	2020	2021	2022	2023	2022-23
Janeiro	2,207	2,272	2,348	2,101	2,126	1,2
Fevereiro	1,933	2,066	2,051	1,888	1,858	-1,6
Março	2,055	2,109	2,177	1,966	1,982	0,8
Abril	1,911	1,969	1,946	1,829	1,874	2,5
Mai	1,975	1,957	1,960	1,861	1,947	4,6
Junho	1,974	1,949	1,933	1,809	1,916	5,9
Julho	2,075	2,143	2,040	2,010	2,041	1,5
Agosto	2,128	2,199	2,088	2,089	2,111	1,1
Setembro	2,081	2,174	2,079	2,050	2,079	1,4
Outubro	2,203	2,236	2,140	2,115	2,136 ⁽¹⁾	1,0
Novembro	2,186	2,224	2,156	2,067	2,088 ⁽¹⁾	1,0
Dezembro	2,283	2,343	2,204	2,134	2,156 ⁽¹⁾	1,0
Total	25,011	25,641	25,122	23,919	24,314	1,7

Nota: ⁽¹⁾ Projeção da Epagri/Cepa.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Ainda que, num período de dez anos (2014-2023), esses 24,314 bilhões de litros de 2023 superem apenas as quantidades adquiridas em 2013 (23,554 bilhões), 2015 (24,063 bilhões de l), 2016 (23,170 bilhões de l) e 2022 (23,919 bilhões de l), não é um desempenho desprezível. Principalmente por se dar num quadro de concorrência com as importações de lácteos, que tiveram um grande crescimento a partir de agosto de 2022 e persistiram elevadas durante todo ano de 2023.

Balança comercial e participação das importações na oferta de leite no Brasil

Em 2023, as importações brasileiras de lácteos foram 63,8% maiores e as exportações 16,5% menores do que 2022, aumentando em 85,5% o déficit da balança comercial de lácteos de 2022 para 2023. Em quantidade de lácteos, as importações de 2023 ainda ficaram bem abaixo dos patamares alcançados entre 1997 e 2000, mas, são recordes quando convertidas em litros de leite equivalente (Tabela 2). Mesmo recorde em litros de leite, as importações representaram “apenas” 8,2% da oferta total de leite inspecionado no Brasil, o que é acima dos anos recentes, mas bem abaixo dos anos de 1990, a partir de quando a produção nacional cresceu acentuadamente e houve significativa redução na participação das importações na oferta total de leite inspecionado no Brasil. O recorde desta participação foi em 1999, quando as importações representaram 15,7% dessa oferta (Tabela 3).

Tabela 2. Lácteos e leite: balança comercial brasileira

Ano	Milhão de kg de lácteos			Milhão de litros de leite equivalente		
	Importação	Exportação	Saldo	Importação	Exportação	Saldo
1997	319,8	4,3	-315,5	1.684,5	17,7	-1.666,8
1998	386,6	2,9	-383,7	1.925,5	18,0	-1.907,5
1999	384,0	4,6	-379,4	2.069,6	16,5	-2.053,1
2000	308,7	9,2	-299,5	1.513,1	33,8	-1.479,3
2020	174,2	32,8	-141,4	1.346,3	101,0	-1.245,3
2021	137,7	38,8	-98,9	1.023,6	142,6	-881,0
2022	170,2	36,2	-134,0	1.293,4	125,4	-1.168,0
2023	278,8	30,2	-248,6	2.182,7	72,2	-2.110,5

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Tabela 3. Brasil - Oferta de leite inspecionado

Ano	Bilhão de litros			Participação %		
	Ind. Nacional (1)	Importação (2)	Total	Ind. Nacional	Importação	Total
1997	10,686	1,684	12,370	86,4	13,6	100
1998	10,995	1,925	12,920	85,1	14,9	100
1999	11,146	2,070	13,216	84,3	15,7	100
2000	12,108	1,513	13,621	88,9	11,1	100
2020	25,641	1,346	26,987	95,0	5,0	100
2021	25,122	1,024	26,146	96,1	3,9	100
2022	23,918	1,293	25,211	94,9	5,1	100
2023	24,313 (3)	2,183	26,496	91,8	8,2	100

Notas: (1) Leite cru recebido pelas indústrias inspecionadas. (2) Em litros de leite-equivalente. (3) Estimativa da Epagri/Cepa.

Fonte: IBGE/Pesquisa Trimestral do Leite e MDIC/Comex Stat.

No que diz respeito às origens das importações, a exemplo de 2022, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai, parceiros brasileiros do Mercosul, foram responsáveis por cerca de 95% da quantidade de lácteos importada pelo Brasil em 2023 (Tabela 4).

Tabela 4. Lácteos – Brasil: importação segundo as principais origens

País	Milhão de kg					Variação %	Participação %
	2019	2020	2021	2022	2023	2022-23	2023
Argentina	81,0	107,1	76,4	103,7	149,7	44,4	53,7
Uruguai	44,5	49,4	46,7	52,4	99,8	90,5	35,8
Paraguai	3,1	5,7	3,7	6,3	14,7	133,3	5,3
Subtotal	128,6	162,2	126,8	162,4	264,2	62,7	94,8
Chile	0,5	0,7	0,8	0,0	3,4	-	1,2
EUA	1,9	3,3	2,1	1,3	3,1	138,5	1,1
Nova Zelândia	4,1	1,5	1,2	1,0	1,6	60,0	0,6
França	2,0	2,2	2,4	1,6	1,5	-6,3	0,5
Holanda	1,1	1,0	0,8	0,8	1,3	62,5	0,5
Alemanha	2,0	1,8	1,3	1,2	1,0	-16,7	0,4
Outros	2,2	1,5	2,3	1,9	2,7	42,1	1,0
Total	142,4	174,2	137,7	170,2	278,8	63,8	100

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Preços

No dia 15 de dezembro, o Conceleite/SC fez sua última reunião do ano, quando aprovou e divulgou os valores de referência para novembro e projetou os valores para dezembro. Os preços de referência para o leite-padrão ficaram, respectivamente, em R\$ 2,0559/l e R\$ 2,0809/l. Depois da reunião de abril, esta foi a segunda com sinalização de alguma recuperação nos preços dos lácteos no mercado atacadista. Se isto não é suficiente para esperar nova elevação nos preços recebidos pelos produtores em janeiro, no mínimo aumenta a perspectiva de que os valores médios fiquem próximos aos de dezembro (Tabela 5).

Tabela 5. Leite: preço médio (1) aos produtores de Santa Catarina

Mês	R\$/l na propriedade			Variação (%)		
	2021	2022	2023	2021-22	2022-23	2021-23
Janeiro	1,94	1,90	2,39	-2,1	25,8	23,2
Fevereiro	1,78	1,92	2,64	7,9	37,5	48,3
Março	1,71	2,02	2,66	18,1	31,7	55,6
Abril	1,76	2,26	2,72	28,4	20,4	54,5
Mai	1,84	2,45	2,82	33,2	15,1	53,3
Junho	1,99	2,57	2,67	29,1	3,9	34,2
Julho	2,15	3,04	2,50	41,4	-17,8	16,3
Agosto	2,17	3,51	2,24	61,8	-36,2	3,2
Setembro	2,17	2,95	2,18	35,9	-26,1	0,5
Outubro	2,12	2,46	1,99	16,0	-19,1	-6,1
Novembro	1,95	2,35	1,89	20,5	-19,6	-3,1
Dezembro	1,84	2,32	2,02	26,1	-12,9	9,8
Média	1,95	2,48	2,39	27,2	-3,6	22,6

(1) Média do preço mais comum nas principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.